

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – PUBLICIDADE E PROPAGANDA

O Distrito Cultural:
a mudança no imaginário do 4º distrito de Porto Alegre

Lúcia Scorza Baltar

Porto Alegre
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

O Distrito Cultural:
a mudança no imaginário do 4º distrito de Porto Alegre

Lúcia Scorza Baltar

Monografia apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a Ms. Adriana Coelho Borges Kowarick

Porto Alegre
2015

“Antes tarde do que nunca.”

Sabedoria popular

AGRADECIMENTOS

Eu cheguei a pensar que este dia nunca chegaria. E se não fossem algumas pessoas talvez não chegasse mesmo. Por isso, preciso agradecer a vocês aqui.

Adriana Kowarick, minha orientadora, obrigada por entrar nessa comigo. Foi muito bom dividir algumas das minhas paixões contigo e conhecer algumas das tuas. A tua orientação, além de fazer este trabalho finalmente acontecer, também me ajudou a gostar cada vez mais dele. Isso foi muito especial para mim.

Obrigada, Jorge Piqué, por te mostrares tão disponível e me contar algumas das tuas ideias. Te desejo muita sorte nas boas iniciativas pela nossa cidade.

Mãe e pai, muito obrigada pelo carinho dedicado mesmo nas horas em que eu fiquei ranzinza e calada, preocupada com este trabalho.

Rodrigo, obrigada pelos mimos gastronômicos, beijos e abraços. Obrigada por escutar mil vezes todos os planos para este trabalho.

Obrigada à Jude, minha maior companheira de madrugadas, confidente sempre muito carinhosa.

Muito obrigada às minhas amigas do curso de arquitetura, que seguraram as pontas para mim, agora nas últimas semanas. Especialmente Dani, Clarissa, Carol Schlessinger, Carol Valicente, Carlla e Milena, vocês foram muito importantes.

Obrigada aos meus amigos jornalistas Joana e Nando por atenderem alguns telefonemas cheios de dúvidas com disposição e carinho.

Obrigada Gustavo e Rê, por serem compreensivos e também empolgados sobre o assunto deste trabalho.

Obrigada aos bibliotecários da Fabico, que foram muito atenciosos e me ajudaram a desvendar essa norma louca para fazer as referências.

Por fim, muito obrigada à melhor amiga que essa faculdade me deu. Isa, eu estou muito feliz que esse dia finalmente chegou e é muito mais legal porque chegou junto pra ti. O meu trabalho é um pouco teu e a Fabico é muito nossa.

RESUMO

Este trabalho aborda a mudança do imaginário sobre o 4º distrito de Porto Alegre, o berço da industrialização da cidade. Antes movimentado e com intensa vida social e cultural, hoje encontra-se esvaziado e decadente, mas começam a surgir iniciativas ligadas a arte e cultura para a sua requalificação. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o imaginário urbano, a partir de três abordagens: histórica, cultural e semiótica. Também através de uma pesquisa bibliográfica foi apresentada a história do 4º distrito e iniciativas que intencionam a sua requalificação hoje. Para desenhar o imaginário da região, especificamente do bairro Floresta, foi realizada uma pesquisa documental. A pesquisa levantou o que foi divulgado sobre este bairro de janeiro de 2012 até maio de 2015 no jornal Zero Hora. As ocorrências filtradas foram separadas em sete categorias, conforme suas temáticas, para que a mudança no imaginário da região fosse mais perceptível. O resultado da pesquisa conclui que começa a acontecer esta mudança no imaginário sobre a região e revela a importância dos meios de comunicação para esta transformação.

Palavras-chave: comunicação; imaginário urbano; urbanismo; 4º distrito; Porto Alegre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização dos bairros do 4º distrito de Porto Alegre.....	20
Figura 2 - Projeto do aterro na planta de Porto Alegre de 1932	24
Figura 3 - Antiga fábrica de fogões Wallig. Fachada na Rua Cândio Gomes.....	26
Figura 4 - Áreas de atuação GT4º.....	27
Figura 5 - Mapa do Distrito C.	29
Figura 6 - Complexo arquitetônico Vila Flores.....	32
Figura 7 - Render do projeto de revitalização da Vila Flores.....	32

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Proporção de temas, considerando todo o período da pesquisa.....	36
Gráfico 2 - Subcategorias do tema infraestrutura.....	39
Gráfico 3 - Subcategorias do tema promoção.....	43
Gráfico 4 - A evolução das temáticas ano a ano.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. IMAGINÁRIO URBANO	11
3. O 4º DISTRITO EM PORTO ALEGRE	20
4. A RENOVAÇÃO DO 4º DISTRITO PELA CULTURA	28
4.1 Distrito Criativo	28
4.2 Vila Flores	31
5. A MUDANÇA NO IMAGINÁRIO DO 4º DISTRITO	34
5.1 O imaginário no jornal.....	34
5.1.1 Temáticas abordadas	35
5.1.2 A evolução na proporção das temáticas abordadas.....	51
5.2 Os coletivos e as notícias	61
5.3 O imaginário urbano e o objeto analisado.....	64
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS	72
ANEXO.....	81
Anexo A – Tabela com as ocorrências filtradas na pesquisa documental.....	81

1. INTRODUÇÃO

Todo o dia a cidade transmite milhares de mensagens àqueles que a habitam. Muitos aspectos físicos são captados diretamente através dos sentidos. No entanto, pensar a cidade além do material revela conexões profundas entre o ambiente construído e sua sociedade. Da mesma maneira que os homens colocam sua identidade naquilo que constroem, a cidade deixa marcas em seus habitantes.

A cidade construída revela o modo de vida de uma época e também os usos que se fazem dela. As edificações são produto das intenções de um povo, onde foram investidas sua riqueza e energia e onde estão marcas de sua história. Em Porto Alegre, cem anos atrás, uma grande área ao norte do centro da cidade foi alvo de investimentos e teve um acelerado desenvolvimento econômico e social. Hoje, porém, a região tem ares de ‘cidade fantasma’.

O local em questão é chamado de 4º distrito. Foi o berço do desenvolvimento industrial de Porto Alegre e proporcionou seu crescimento como um todo. Se antes nele havia uma intensa vida cultural e econômica, hoje está esvaziado. Muitos galpões, fábricas e moradias encontram-se abandonados, assim como os espaços públicos. Porém, sua memória segue guardada tanto nas narrativas sobre o que lá aconteceu, quanto nas paredes desgastadas de suas edificações. E hoje existe um forte movimento de mudança no sentido de requalificação do lugar.

Este trabalho se propõe a examinar como acontece esta requalificação. Destarte, escolheu-se como metodologia o estudo do imaginário urbano do 4º distrito, mais especificamente, de um dos seus bairros: o Floresta. Através das técnicas de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista, foram reunidas as informações necessárias para descrever e analisar a transformação da imagem deste bairro (ou, pelo menos, seu esforço). O estudo do imaginário urbano nos leva a compreender que a decisão de ocupar ou não um espaço vai além do que se percebe à primeira vista.

A pesquisa realizada para esta monografia verifica a hipótese de que seja necessária, para que se efetive a transformação desejada no 4º distrito de Porto Alegre, uma mudança no imaginário urbano existente sobre o lugar.

Para tanto, o trabalho está dividido em quatro partes, além dessa introdução e da conclusão. No capítulo 2, apresenta-se a pesquisa bibliográfica referente aos estudos do imaginário urbano. São apresentadas as visões de quatro autores sobre como se forma o imaginário de um lugar, o que ele significa e implica. Os autores estudados são a historiadora Sandra Pesavento, o filósofo e antropólogo Néstor García Canclini, a semioticista Lucrécia Ferrara e o filósofo e cientista social Armando Silva. A importância dos meios de comunicação, neste sentido, é destacada a fim de embasar a pesquisa que segue.

No capítulo 3, também através de pesquisa bibliográfica, é apresentada a história do 4º distrito. Os autores pesquisados são as arquitetas Leila Mattar e Cláudia Tilton e o historiador Alexandre Fortes. São resgatados os motivos do seu desenvolvimento e decadência, assim como características da sociedade que o ocupou. Ao final, são expostas algumas iniciativas do poder público para a recuperação da região.

Para construir o quarto capítulo, foi realizada uma pesquisa nos sites das iniciativas e projetos de requalificação do bairro Floresta. A cultura e a criatividade surgem como peças chave neste processo que começa a surgir, partindo da sociedade civil.

No quinto capítulo é apresentada a análise da mudança de percepção do bairro Floresta. Para tanto, foi realizada uma pesquisa documental no jornal Zero Hora, onde se filtrou o que foi divulgado sobre o bairro. Junto com a pesquisa documental foi realizada uma entrevista com Jorge Piqué, importante incentivador e entusiasta da renovação do 4º distrito. A análise destas narrativas toma como referência as ideias dos autores trazidos no capítulo 2 e busca desenhar a mudança no imaginário do bairro.

Por último, a conclusão do trabalho confirma a hipótese de que a mudança no bairro é impulsionada pela imagem que os moradores e a sociedade em geral têm do lugar. A pesquisa do imaginário urbano a respeito do objeto escolhido, o 4º distrito, contribui para a concretização de sua revitalização. Isto porque evidencia forças e oportunidades que devem ser potencializadas e irradiadas para que ocorra uma verdadeira transformação urbana, necessária para a cidade de Porto Alegre.

2. IMAGINÁRIO URBANO

Este trabalho se propõe a estudar a mudança do imaginário urbano de uma região de Porto Alegre. Desta forma, é necessária a compreensão do que é o imaginário urbano, o que ele implica e como se configura. Dentre as múltiplas abordagens possíveis sobre este tema, neste capítulo serão apresentadas as ideias de alguns autores que poderão ser aplicadas ao objeto de estudo e ao corpus da pesquisa, dentro do campo da comunicação social.

Juremir Machado da Silva (2003, p.11) conceitua o imaginário como um “reservatório/motor”. Um reservatório por armazenar imagens, sentimentos, lembranças, experiências e visões do real. Estes conteúdos agregados sedimentam um modo de ver, de ser, de sentir e mobilizam as aspirações de mundo. O imaginário é motor por ser uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. É um catalisador, estimulador e estruturador de limites e práticas. “O imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor.” (SILVA, 2003, p.12).

O imaginário urbano é o fenômeno de pensar a cidade além do físico. É a maneira como o urbano é percebido pelos cidadãos e transforma o uso que se faz dos espaços. O conteúdo do imaginário urbano é alimentado no cotidiano pelos mais diversos meios e experiências. Os múltiplos olhares sobre a cidade não têm hierarquia, mas são justapostos, se contradizendo ou complementando.

O que me interessa é o fenômeno multidimensional, e não a disciplina que recorta uma dimensão deste fenômeno. Tudo o que é humano é, ao mesmo tempo, psíquico, sociológico, econômico, histórico, demográfico. É importante que estes aspectos não sejam separados, mas sim que concorram para uma visão poliocular. O que me estimula é a preocupação de ocultar menos possível a complexidade do real. (MORIN apud PESAVENTO, 1999, p.9).

Para se aproximar da complexidade do imaginário urbano, será realizado um estudo interdisciplinar. Assim sendo, neste capítulo serão apresentadas três diferentes abordagens do tema: histórica, cultural e semiótica.

A primeira abordagem, a histórica, é referente às ideias da historiadora Sandra Pesavento, que trabalha as representações da cidade a partir das imagens produzidas através de discursos literários e históricos. A narrativa histórica é construída com

critérios de escolha e seleção da montagem e desmontagem de um enredo, passando por dimensões imaginárias do historiador. A obra literária demonstra sensibilidades de uma época, representando modos de pensar e agir, correspondendo ao sistema de ideias e imagens do seu tempo. Enquanto o historiador recria o que teria se passado, o escritor de literatura cria um enredo que poderia também ter acontecido (PESAVENTO, 1999).

Estudar a cidade através das suas representações é um desafio, pois ela é o lugar - por excelência - onde todas as coisas acontecem e podem ser representadas. Na sociedade contemporânea, as imagens têm cada vez mais domínio na formação do real. Associados a este domínio imagético, a expansão da mídia e o surgimento de uma realidade virtual levam a constituição de um 'mundo que se parece'. O efeito da palavra e da imagem estabelecem valores e condutas, dando significado à realidade. Desta maneira, quando compartilhadas, as representações têm capacidade de criar o real e, inclusive, superá-lo. A realidade construída dentro de cada um a partir dos estímulos exteriores e de sua cultura anterior é aquela que condiciona o uso dos espaços (PESAVENTO, 1999).

Igualmente, para todo historiador, a cidade construída é também objeto a ser lido. A escrita da cidade está nos traços deixados na arquitetura e no traçado urbano, índices de cidades que foram ou que pretenderam ser um dia. A estreita relação simbólica entre o urbano fabricado e o homem que o construiu pode atingir o peso de uma metonímia, onde toma-se uma coisa por outra, cidadão e cidade. Os indivíduos colocam sua identidade nas obras e passam a se reconhecer no espaço construído. Sobre a realidade objetiva os homens constroem seu sistema de ideias e imagens de representação coletiva (PESAVENTO, 1997).

Como seria possível entender a cidade real baseando-se em discursos elaborados em diferentes tempos e partindo de diferentes pontos de vista? Como em um 'jogo de espelhos', as variadas representações da cidade estabelecem distâncias e aproximações, perguntas e respostas umas às outras. Cada narrativa parte da habilidade específica e da sensibilidade de um cidadão, mas são todos olhares que se cruzam em torno do mesmo objeto concreto: a urbe (PESAVENTO, 1999).

Pesavento (1999) resgata o método de Walter Benjamin para obter a revelação do sentido de uma época baseado no cruzamento de imagens contrárias. A autora apresenta a análise da obra de Benjamin feita por Willi Bolle.

Segundo Bolle, a historiografia benjaminiana, como construção, pressupõe um trabalho de “destruição” e “desmontagem” daquilo que o passado oferece, visando uma nova construção, ditada pelo “agora”. Para tanto, sugere a montagem em forma de “choque” ou contraste, confrontando as imagens antitéticas e, por conseguinte, dialéticas, para promover o “despertar” ou a “revelação”. (PESAVENTO, 1999, p.19).

De acordo com a historiadora, Bolle desenvolve a metodologia identificada na obra de Benjamin se apropriando do princípio da desmontagem e remontagem dos fragmentos da representação do urbano. A técnica mais propícia para alcançar o imaginário coletivo seria a montagem por superposição, na qual a tomada de consciência não se dá através de um choque, mas aos poucos. Este processo metodológico consiste na justaposição de personagens, imagens, discursos, performances reais ou imaginárias, feita por qualquer historiador (PESAVENTO, 1999).

O processo de recepção de imagens de tempos passados origina novos significados. Se antes as imagens podem ter sido utopias e projetos que mobilizaram a vida de uma sociedade e foram fruto de composições de forças e discussões, a sua apropriação faz parte de um processo semelhante. A recepção e reprodução de ideias e imagens é feita de forma seletiva e corresponde a necessidades, respondendo a uma forma de vida e de consumo. “O real é um campo de luta para definir o que é real.” (BORDIEU apud PESAVENTO, 1999, p. 23). Desta maneira, a produção de representações da cidade, que constitui o imaginário coletivo de uma sociedade, faz parte de um jogo de forças, pois estas representações criam o seu sentido. (PESAVENTO, 1999).

A segunda abordagem que será apresentada, traz uma reflexão sobre as mudanças que a modernidade causou no espaço urbano. Estas mudanças evidenciaram a função chave dos meios de comunicação para o uso da cidade pelos seus cidadãos.

O filósofo e antropólogo argentino Néstor Garcia Canclini faz uma aproximação ao imaginário urbano a partir de hábitos culturais contemporâneos. Sua análise traz a

relação entre o que chama de “sociedade da informação” e a criação de “cidades do conhecimento.” (CANCLINI, 2008, p.17).

O que é uma cidade? Até meados do século XX o pensamento urbano respondia a essa pergunta segundo a configuração física: cidade é o oposto do campo, ou um tipo de agrupamento extenso e denso de indivíduos socialmente heterogêneos. Nas últimas décadas, tenta-se caracterizar o urbano levando em conta também os processos culturais e os imaginários dos que o habitam. (CANCLINI, 2008, p. 15).

A consolidação da chamada sociedade da informação deu-se a partir do grande crescimento urbano ocorrido na segunda metade do século XX, impulsionado pelo desenvolvimento industrial. As cidades e suas periferias agigantaram-se e as grandes distâncias impediram a interação entre as diversas parte do todo, fazendo com que as pessoas perdessem a imagem de conjunto. A expansão dos meios de comunicação, nesta época, permitiu que as partes distantes fossem reconectadas, através da disseminação de notícias por rádio, televisão e jornais. A modernização da cidade foi além de sua industrialização incluindo novas práticas de informação e entretenimento, compondo um novo sentido de compartilhamento da cidade (CANCLINI, 2008).

Assim sendo, ao mesmo tempo em que a expansão das cidades desconectou suas partes, as redes de comunicação passaram a levar informação e entretenimento a todos os lares. Os habitantes perderam a noção dos limites do território geográfico que ocupavam e os meios de comunicação passaram a ter um papel rearticulador da interação sociocultural, à medida em que informam o que ocorre em lugares distantes na urbe (CANCLINI, 2008).

Ao estarmos dependentes do que nos dizem no rádio ou na televisão sobre o que aconteceu na cidade, manifestamos, por um lado, um desejo de conhecimento e, por outro, uma carência que se torna difícil de suportar. Esses dois impulsos estão na base dos imaginários. O imaginário não é apenas a representação simbólica do que ocorre, mas também um lugar de elaboração de insatisfações, desejos e busca de comunicação com os outros. (CANCLINI, 2008, p. 21).

É próprio de grandes cidades proporcionarem aos seus cidadãos experiências de desconhecimento do seu espaço territorial. Algumas zonas da cidade são alcançadas apenas através da imaginação sobre o que lá se sucede, geralmente com preconceitos e distorções. Neste contexto, destacou-se no desenvolvimento das cidades o papel da informação, do saber e das comunicações. A partir da informação recebida, são construídas ‘micrópoles’ dentro de cada um, onde são ancoradas

referências subjetivas que orientam as decisões de onde e como atuar no mundo objetivo (CANCLINI, 2008).

As cidades existem além da ocupação de um território e do espaço edificado. Um indivíduo localiza-se não apenas através de mapas e GPS, que dão conta somente de aspectos físicos, mas também considerando cartografias mentais e emocionais próprias de cada um. Somado a isto, interações sociais e culturais geram referências imaginárias que se voltam ao mundo construído. A informação transmitida por rádio, televisão e jornais faz parte destas representações, tanto quanto o que é imaginado por livros e cinema, por exemplo (CANCLINI, 2008).

Desta forma, é no imaginário que se atinge o êxito comunicacional. Cada habitante usa as zonas da cidade que necessita e tem conjecturas do que não conhece, baseadas no olhar relativamente arbitrário do que lhe é apresentado. A eficácia tecnológica das redes de comunicação cria simulacros de totalização do conhecimento e compensa a fragmentação do espaço da cidade. Nas cidades do conhecimento, a informação e a conectividade compõem o capital social que impulsiona seu desenvolvimento (CANCLINI, 2008).

A terceira abordagem, semiótica, se aproxima do imaginário através dos signos que existem no urbano. A percepção da mensagem que existe no espaço construído se dá a partir de hábitos e enquadramentos pessoais de cada cidadão e conduz a maneira como cada um se apropria da cidade.

Uma abordagem semiótica do espaço urbano é feita por Lucrécia Ferrara (1988), que considera a cidade como se fosse um depósito de mensagens à procura de significado. A seleção do uso dos espaços seria, segundo as ideias da autora, o instrumento para explicitar o significado dos elementos do ambiente que se comunica atingindo o imaginário do usuário.

A cidade é um aglomerado de signos juntos e dispersos, sem convenção organizadora. A fragmentação e descontinuação dos signos resultam em uma opacidade significativa. O ambiente urbano é o lugar onde os textos não-verbais estão escritos, espalhando-se em escala macro pela cidade e incorporando aspectos de suas microlinguagens, como a arquitetura, a programação visual, a publicidade e a moda (FERRARA, 1988).

A capacidade de adquirir informação do ambiente físico, na forma de percepção, só é possível através da apropriação do espaço pelo usuário. Esta apropriação do ambiente exige uma interpretação, que resulta uma definição capaz de superar a sua opacidade. Da interpretação que ocorre através do uso sucede uma relação entre objeto (o sistema sócio-espacial) e signo (o uso). Ou seja, o uso interpretante do espaço é incorporado como signo de si mesmo. É o uso que faz o reconhecimento do ambiente. E é o uso que torna-se o signo de um hábito, tendo caráter de mediador entre o espaço e o usuário (FERRARA, 1988).

[...] o uso confunde-se com o ambiente por ele informado. Entretanto, a rede que os enlaça não é lógica nem necessária, mas, bem pelo contrário, pode ser caótica em relação às características físicas e /ou projetuais de um espaço. Ou seja, o projeto de uma praça ou de uma habitação pode ser o porta-voz de uma escala de valores culturais, estéticos, econômicos e sociais de seus emissores, urbanistas ou arquitetos. Entretanto, o uso denuncia, descontraindo e diariamente, a própria contradição por vezes existente entre aquela escala de valores e a dos usuários. (FERRARA, 1988, p. 23).

Para que seja feita a leitura dos textos não-verbais do espaço é necessário um afastamento. O afastamento consiste na destruição da visão rotineira do espaço, para que signos e referências presentes sejam realçados. Enquanto a semiótica faz com que o objeto seja representado significativamente, a leitura não-verbal é a descoberta da natureza deste processo (FERRARA, 1988).

A leitura não-verbal da cidade é resultado de um processo de associações dos índices encontrados relacionados com o repertório do receptor. O significado de uma estrutura não verbal é determinado, ao mesmo tempo, pela influência dos signos-índices que interagem e pela lembrança daqueles outros signos que poderiam tomar seu lugar, mas que só existem no repertório do leitor (FERRARA, 1988).

São as relações humanas que caracterizam a cidade como maciço de sistema de comunicação, que lhe dão o sentido de apreensão ou dispersão de informações. A função principal dos ambientes urbanos é comunicar e favorecer a comunicação, então é importante entender como eles se comunicam. A semiótica traz uma interpretação para a forma como ocorre esta comunicação: o usuário é interpretante entre objeto e signo, assumindo também a condição de signo. A relação entre a materialidade das obras de arquitetura e urbanismo, seu contexto e interpretante dimensiona a potencialidade da cidade enquanto sistema comunicacional (FERRARA, 1988).

Também refletindo sobre as trocas simbólicas que acontecem entre cidadão e espaço urbano, o filósofo e cientista social colombiano Armando Silva fez uma extensa investigação sobre imaginários urbanos. Ele vale-se de representações da cidade em diversos meios e das formas de uso dos espaços pelos cidadãos.

Fazendo uma comparação com os mapas cartográficos, o autor propõe o conceito de 'croqui imaginário'. O mapa é uma demarcação rígida dos espaços. As divisões políticas e geográficas estabelecidas nos mapas são anteriores e independentes da percepção da cidade gerada pelo uso feito por cada um. O croqui, por sua vez, é uma medida territorial baseada na relação do cidadão com a cidade. O uso dos espaços e os novos tipos de interação possibilitados pela tecnologia da informação e comunicação resultam nesta cartografia simbólica. A mídia encontra-se entre a representação oficial e o imaginário do cidadão, entre o mapa e o croqui, transformando e alimentando as representações que cada um faz da cidade (SILVA, 2011).

Na introdução do livro *Porto Alegre Imaginada* (JACKS e SILVA, 2012), Armando Silva apresenta a alta midiaticização da sociedade brasileira. O autor coloca que sua pesquisa, que envolveu mais de vinte cidades da América Latina, Europa e Estados Unidos, apontou nas cidades brasileiras a maior relação entre cidadão e mídia. A grande influência dos meios de comunicação sobre as ações cidadãs torna importante pensar nas diferentes dimensões envolvidas na construção do imaginário urbano.

As representações dos cidadãos sobre a cidade são resultado da articulação de informações recebidas com o uso real dos espaços. O imaginário sobre as diferentes áreas da cidade tem reflexo no uso de cada uma delas. O uso, por sua vez, é essencial para que seja feita a leitura simbólica do espaço real (SILVA, 2011).

A relação entre coisa física, a cidade, sua vida social, seu uso e representação, suas escrituras, formam um conjunto de trocas constantes, então vamos concluir que em uma cidade o físico produz efeitos no simbólico: suas escrituras e representações. E que as representações que se fazem da urbe, do mesmo modo, afetam e conduzem seu uso social e modificam a concepção do espaço. (SILVA, 2011, p. XXIV).

O espaço urbano é local de trocas simbólicas sempre em expansão e construção. As relações de grupos sociais através do uso dos espaços geram uma reação dialógica de reconstrução de imagens entre cidade e cidadãos. Cada cidade

se parece com aqueles que a construíram. Da mesma maneira, a percepção do urbano marca a imagem dos seus cidadãos. A cidade é representada em símbolos através da percepção humana. Os cidadãos projetam-se dentro da imagem formada por esta representação da cidade. Esta projeção estabelece a forma de ver a si mesmo, aos outros e ao seu modo de vida (SILVA, 2011).

A participação na cidade está relacionada com a forma como os cidadãos a veem. Silva (2011) traz o conceito de *ponto de vista cidadão* para pensar na relação de trocas existente entre o espaço urbano que comunica e o destinatário da sua mensagem, que por sua vez também tem capacidade de comunicar. A maneira como esta mensagem é recebida configura um patrimônio cultural implícito, que atua como sugestionador e identificador de como ocorre a participação das pessoas na urbe.

As estratégias discursivas utilizadas pelos cidadãos para narrar e descrever a cidade e suas histórias configuram o *ponto de vista cidadão*. Estas estratégias podem ser tanto verbais quanto visuais. Pode ser estabelecida uma noção espacial, que envolve o que reconheço porque vejo, ou narrativa: aquilo que conto porque reconheço ou simplesmente sei. A representação e os diferentes discursos a respeito da cidade correspondem a um ponto de vista pessoal. As emoções individuais estabelecem como será a projeção de cada um naquilo que vê. A combinação destes diferentes olhares e imagens integra a leitura simbólica que se faz da cidade (SILVA, 2011).

A operação do ponto de vista compreende três etapas. A primeira etapa é a *exibição do objeto*, que pode ser tanto uma imagem visual quanto histórias ou boatos, por exemplo. A segunda etapa é denominada *observação pelo sujeito real*, ponto que supõe um enquadramento, levando em conta a individualidade de cada cidadão. Neste sentido, os meios de comunicação têm papel importante, pois cada indivíduo busca relações entre o que sabe com o que lhe é apresentado através da nova mensagem. A memória dos imaginários é ativada através de matrizes culturais. Por fim, chega-se às *consequências do olhar*, etapa que atinge o imaginário e gera consequências na conduta cidadã (SILVA, 2011).

O olhar faz alusão a desejos e ansiedades e pode desencadear imaginários individuais ou coletivos. A consideração da individualidade nas etapas do ponto de vista demonstra que o texto das mensagens nunca é dirigido a um cidadão específico.

Assim sendo, a construção da imagem da cidade tem função de exercício ideológico (SILVA, 2011).

Os autores estudados concordam em alguns aspectos sobre o imaginário urbano, que serão considerados, no capítulo 5, na interpretação que será feita sobre o objeto da pesquisa.

É claro, para todos os autores estudados, que o uso que se faz dos espaços é baseado no imaginário que se tem da cidade. Pesavento (1999) coloca que a imagem e a palavra têm força, no mundo contemporâneo, para estabelecerem valores que pautam o comportamento dos cidadãos na cidade. Tanto Canclini (2008), quanto Silva (2011) destacam, nesta realidade de representações, o papel dos meios de comunicação. Canclini (2008) chama a atenção para a capacidade de a mídia conectar partes distantes da cidade, através da divulgação de informações que alimentam o imaginário. Silva (2011), por sua vez, acrescenta o papel dos meios de comunicação como formadores de um repertório que é ativado pela memória, toda vez que uma nova mensagem é recebida.

Isto posto, Canclini (2008) acredita na arbitrariedade do que é comunicado na mídia, o que vai ao encontro da noção de que a realidade é um jogo de forças entre várias representações da cidade para constituir o imaginário coletivo, trazida por Pesavento (1999). Para a historiadora a recepção, assim como a reprodução de mensagens, alimentam a uma forma de vida e consumo.

Não é apenas o que se fala sobre a cidade que conforma o imaginário urbano. Também a cidade física e suas dinâmicas, conforme afirma Ferrara (1988), é composta por uma sobreposição de mensagens que podem ser interpretadas apenas a partir do uso que os cidadãos fazem dela. Pesavento (1999) ainda acredita que na realidade construída por uma sociedade, é possível reconhecer sua identidade.

Nas ideias de todos os autores aqui apresentados percebe-se que, para realizar a leitura da cidade, seja através do uso, ou através das representações que se fazem dela, há a necessidade de um afastamento. O conhecimento das etapas da apropriação das mensagens presentes no urbano torna possível esta consciência. Na análise das informações coletadas na pesquisa deste trabalho, serão identificados aspectos do imaginário urbano, suas implicações e composições, no caso do 4º distrito de Porto Alegre.

3. O 4º DISTRITO EM PORTO ALEGRE

A história do 4º distrito e do desenvolvimento industrial de Porto Alegre se relacionam. Ainda que a atual divisão administrativa da cidade não delimite distritos e que, na literatura existente sobre o desenvolvimento de Porto Alegre, exista divergências quanto a sua abrangência, o termo 4º distrito é uma denominação usada correntemente para designar “a área atingida pelo processo integrado de urbanização e industrialização a partir dos bairros Navegantes e São João e que, no final dos anos 1950, abarcaria praticamente metade da superfície da capital.” (TITTON, 2012, p.207).

A arquiteta e urbanista Cláudia Tilton (2012) realizou um extenso trabalho de pesquisa onde, entre outros levantamentos, apresentou a delimitação da área em estudo conforme alguns autores e órgãos públicos. Os bairros compreendidos nas diferentes versões do 4º distrito são: Navegantes, São Geraldo, Floresta, São João, Humaitá e Farrapos, localizados na zona norte da cidade, conforme destacados na *Figura 1*.



Figura 1 - Localização dos bairros do 4º distrito de Porto Alegre.
Fonte: PMPA [recurso eletrônico adaptado]

Porto Alegre desenvolveu-se como grande cidade após a Revolução Farroupilha (1835-1845). No início do período da decadência do ciclo do charque em função da concorrência com os vizinhos da região platina, o pólo de concentração econômica do estado, que estava localizado em Pelotas e Rio Grande, mudou-se para a Capital. Até então, Porto Alegre tinha sua economia baseada no porto fluvial e em suas funções políticas e administrativas (FORTES, 2001).

Somado a isto, o desenvolvimento da produção das regiões de colonos italianos e alemães no interior do Rio Grande do Sul possibilitou o acúmulo de capital em Porto Alegre, que se tornou ponto de distribuição do que era produzido nas colônias. Então, foi estabelecido um intenso fluxo de comércio entre a zona produtiva e a Capital. A partir da segunda metade do século XIX, Porto Alegre atingiu importante papel econômico, graças ao investimento em indústrias aliado à riqueza do interior do estado. Dentro deste contexto destaca-se o bairro Navegantes, berço da industrialização no Rio Grande do Sul (TITTON, 2012).

Neste período, Porto Alegre ainda era organizada em distritos, definidos em 1892. O 4º distrito era aquele com vocação industrial e o bairro Navegantes era seu núcleo. A intensificação do uso da região para comércio e indústrias mudou a paisagem local, antes composta de chácaras. Surgem depósitos de madeiras e estaleiros, utilizados para as atividades de comércio e navegação (TITTON, 2012).

Deste modo, chaminés passaram a marcar a paisagem da região norte de Porto Alegre, representando a modernidade que ali acontecia. A indústria era a grande força propulsora e fundamental no contexto positivista da época, que baseava seus princípios em trabalho, ordem e progresso. Um acelerado crescimento urbano ocorreu na cidade no início do século XX, quando as indústrias locais ocuparam o 3º lugar no país. A produção compreendia principalmente os ramos de alimentação, têxtil e metalurgia (TITTON, 2012).

A atual rua Voluntários da Pátria, na época marginal ao rio Guaíba, chamava-se Caminho Novo e era o principal eixo de contato entre o núcleo urbano e o norte do interior do estado. Foi ali que se construiu, mais tarde, a linha do bonde – que conectava o centro da cidade ao distrito industrial – e a estrada de ferro, ligando a capital à São Leopoldo. A localização também era privilegiada para outras formas de

transporte: a proximidade com o Guaíba e com o rio Gravataí permitia contato por via fluvial. Na região também foi implantado, mais tarde, o Parque de Aviação.

A vasta oferta de empregos do setor fabril atraiu imigrantes. Primeiramente, e em maior número, alemães, e depois de outras etnias, como italianos e poloneses. Enquanto as elites segregavam-se ocupando áreas mais altas e secas da cidade, os trabalhadores estabeleceram suas moradias próximas ao local de trabalho. Eles moravam em conjuntos geralmente construídos e explorados através de aluguel pelos donos das fábricas. Desta maneira, a comunidade formada no distrito industrial era de grande diversidade étnica. O espaço era miscigenado não apenas em aspectos relativos à população e suas formas de sociabilizar, mas também físicos, expressos nas diversas tipologias arquitetônicas presentes no local (MATTAR, 2010).

Fortes (2001) considera a cidade um somatório de diversos fragmentos articulados. Cada parte é uma centralidade marcada por uma essência própria de seu conjunto. A composição destes conjuntos acontece pela sobreposição de diversos estratos, que são o resultado das atividades de gerações que agiram sobre o espaço. O 4º distrito revelou uma identidade própria, produto social transformado a medida em que a sociedade se desenvolveu. Mattar (2010, p.68) traz a ideia de “bairro cidade” com alto grau de autonomia e pluralidade. De acordo com Fortes (2001, p.20), as grandes dimensões assumidas pelo distrito industrial levaram-no a constituir uma “cidade dentro da cidade” com características próprias, diferentes daquelas existentes no centro de Porto Alegre, por exemplo.

[...] os trabalhadores do 4º distrito construíram, entre os anos 20 e 50 do século XX uma forte noção de identidade permeada por inúmeros fatores sociais de distinção e particularização, mas baseada acima de tudo nas experiências comuns vividas, compartilhadas, preservadas e reelaboradas (FORTES, 2001, p.22).

A necessidade dos imigrantes de adaptarem-se à nova cultura, aliada às experiências compartilhadas pela população local, trouxe uma dinâmica própria às formas de uso da região. A memória também ocupa, desta maneira, papel importante na conformação da identidade local. Em relação ao espaço construído, Castello (apud MATTAR, 2010) coloca que os muitos signos percebidos coletivamente no espaço urbano são significativos para a memória da cidade. Em sua pesquisa constatou que “é forte a percepção de ambiente industrial associado à área, despontando um bom

número de marcos que se estruturam como verdadeiros símbolos da região.” (CASTELLO apud MATTAR, 2010, p. 42). Fortes (2001) acrescenta que as narrativas orais das histórias vividas repassadas de geração em geração elaboram na memória coletiva a noção de identidade própria.

Neste sentido, a grande enchente de 1941 assume a dimensão de “um verdadeiro mito fundador” (FORTES, 2001, p.81) e é a referência da história dos antepassados mais conhecida pelos seus descendentes. Abaixo do nível do Guaíba, a região do distrito industrial sempre esteve sujeita a inundações, que foram de grandes proporções entre os anos de 1924 e 1936. No entanto, foi no ano de 1941 que todo o distrito ficou submerso, o nível da água atingiu 2,5 metros (TITTON, 2012).

A relação do 4º distrito com a orla do Guaíba foi determinante para as transformações ocorridas no local. As margens do rio eram utilizadas por banhistas e esportistas, além de receber pequenas embarcações que praticavam o comércio de frutas e alimentos. A proximidade com a água, ao mesmo tempo em que foi determinante para o desenvolvimento da indústria e do comércio, apresentava o risco de inundações e problemas sanitários oriundos dos alagamentos (TITTON, 2012).

Conforme Titton (2012), a construção do cais do porto e os sucessivos aterros decorrentes deste projeto objetivavam, além da consolidação do porto em si, a proteção contra as enchentes. A conclusão da obra – o projeto do cais iniciou em 1911 e só foi concluído em 1962 – deu-se tardiamente e, quando ocorreu, o transporte rodoviário já era utilizado em grande escala. Na mesma época, as funções de porto da região já se concentravam no Superporto de Rio Grande. Desta maneira, as atividades portuárias em Porto Alegre foram muito reduzidas.

Os aterros, por sua vez, alteraram profundamente a estrutura urbana da capital e sua fisionomia. Para a região do 4º distrito, o afastamento entre a porção consolidada e o Guaíba significou o fim das suas relações cotidianas. Com isto, a grande faixa de terra e o dique representam barreiras físicas para o contato entre a população da região e a orla. (TITTON, 2012).

Na planta da cidade de Porto Alegre, desenhada em 1932, pode ser observada a Av. Voluntários da Pátria ainda marginal ao Rio Guaíba e, tracejado, o projeto do aterro que ali foi realizado (*Figura 2*).

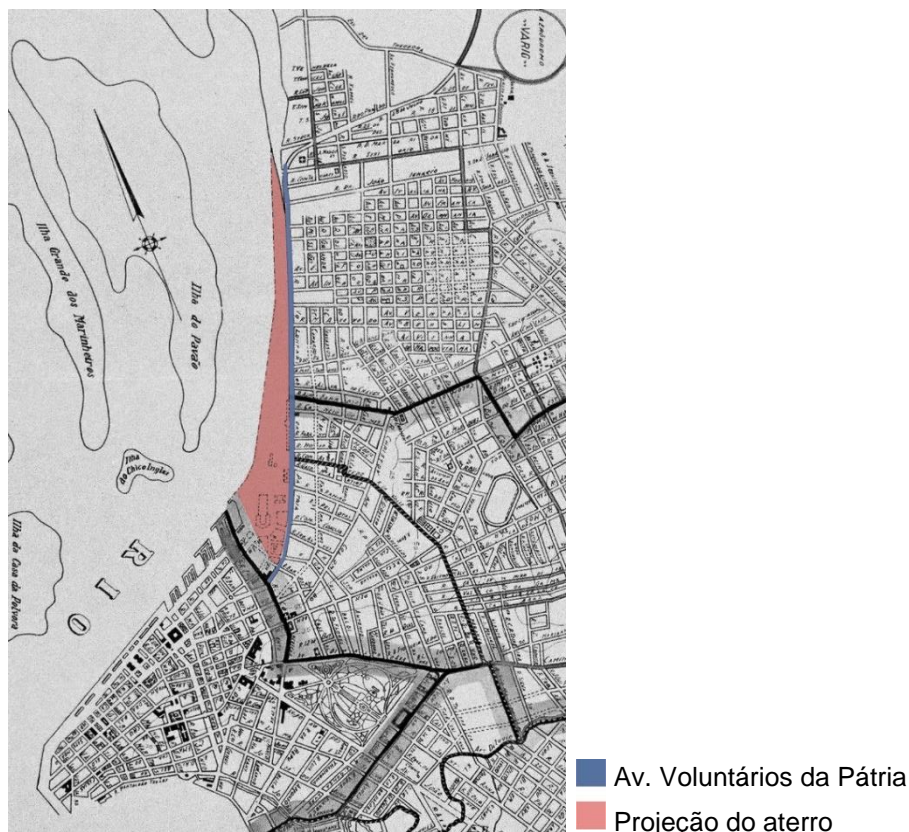


Figura 2 - Projeto do aterro na planta de Porto Alegre de 1932.

Fonte: IHGRS [recurso eletrônico adaptado]

Assim, ao mesmo tempo em que a ameaça de inundações incentivava moradores e indústrias a procurar outros locais para ocuparem, decisões do poder público em relação ao planejamento do crescimento da cidade foram definitivas para que, aos poucos, ocorresse o esvaziamento das atividades no 4º distrito.

Até a década de 1940, as preocupações do poder público englobavam aspectos de higiene, saúde pública, conforto e segurança, além da estética e da relação das edificações com o alinhamento na rua. Os usos eram diversificados e denotavam diferentes padrões sociais, além de configurar uma diversidade de tipologias edificadas. Este espaço miscigenado propiciava a vida no espaço público, com pessoas circulando em ambientes que tinham pleno domínio e sentiam-se seguras, pelo movimento de pedestres e moradores (TITTON, 2012).

Em Porto Alegre, percebe-se a influência das ideias modernistas¹ na consolidação do seu primeiro Plano Diretor formal, em 1959. O plano dividiu a cidade

¹ No contexto da arquitetura e urbanismo mundial, a década de 1930 foi marcada pelo advento da arquitetura moderna e, com ela, a organização dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna). Um importante produto do encontro de 1933 foi a Carta de Atenas, que traçou diretrizes para o urbanismo da época, pensando a cidade de forma funcional. O documento preconizou, entre outros aspectos, a divisão das zonas da cidade em usos específicos – residencial, lazer, trabalho e circulação.

em zonas destinadas a diferentes usos – residencial, comercial e industrial. O zoneamento também instituiu índices que regulavam o aproveitamento dos terrenos, como taxas máximas de ocupação do solo e altura máxima de edificações (PMPA, 1964).

A nova ordem estabeleceu um uso dominante na região do 4º distrito: o industrial. O processo sócio-espacial construído pela sociedade durante mais de um século de história foi desconsiderado e gradativamente foi extinta a miscigenação. Os índices e taxas permitidos inibiam a construção de edificações residenciais e diminuíram a ocorrência de equipamentos de lazer, recreação e serviços. O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, de 1979, intensificou o caráter industrial da região e estabeleceu restrições ainda mais severas à atividade residencial, que em alguns locais foi proibida. Esta orientação impositiva foi negativa para a segurança do 4º distrito, pois ela dependia da circulação de pessoas nas ruas (TITTON, 2012).

Outros fatores, além das decisões técnicas tomadas pela prefeitura e da já comentada ameaça de enchentes, contribuíram para a estagnação da vida social e do crescimento do 4º distrito. Os serviços de bonde foram extintos em Porto Alegre em 1970, o que significou o fim de uma importante conexão da região com o centro da cidade. No mesmo período, a região metropolitana passou a oferecer uma série de atrativos para novas indústrias, como menor custo do solo, maior oferta de mão de obra e melhores incentivos fiscais. A partir de então, até mesmo o uso industrial entrou em decadência na área (TITTON, 2012).

Encontra-se hoje, no 4º distrito, edificações e espaços ociosos, como galpões inutilizados. Esta baixa atividade imobiliária e comercial compõe um território conhecido pela degradação econômica, ambiental e social. Somado a isto, a precariedade de serviços de transporte coletivo e a dificuldade de acesso causada por engarrafamentos e pela presença de muitos veículos de carga trazem aos moradores a sensação de segregação espacial e social. Os espaços públicos têm tratamento precário e os poucos equipamentos coletivos de lazer e recreação são utilizados por profissionais do sexo e usuários de entorpecentes. Algumas áreas de habitação social passam por processo de favelização (TITTON, 2012).

Neste panorama de marginalidade e degradação, encontra-se na região edificações de valor arquitetônico histórico. Inclusive, várias delas já foram relacionadas pela Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural (EPAHC). Na rua Voluntários da Pátria, antiga margem do rio, estão os melhores exemplares de prédios industriais de grande porte, silos e armazéns. Há uma visível deterioração do patrimônio edificado e sua descaracterização através de desmembramentos para abrigar novos usos (*Figura 3*).



Figura 3 - Antiga fábrica de fogões Wallig. Fachada na Rua Cândio Gomes.
Fonte: ALVES [recurso eletrônico]

A intenção de requalificação do antigo distrito industrial é demonstrada no novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre, atualizado em 2011. A região está compreendida em macrozonas que objetivam a miscigenação de usos, a proteção ao patrimônio e visam a integração estratégica da região metropolitana com equipamentos como o aeroporto e a CEASA. Como estratégias para reestruturação social estão previstas áreas especiais de interesse social, institucional e cultural, além de regularização e produção de habitação de interesse social (PMPA, 2011).

Existe hoje, na prefeitura de Porto Alegre, o Grupo de Trabalho do 4º distrito (GT4º), que estuda maneiras de revitalizar a antiga região industrial. Embora o grupo não produza projetos específicos, estabelece diretrizes gerais para a reocupação da área em questão. O GT4º divide o 4º distrito em três áreas: perímetro PIEC (Programa Integrado da Entrada da Cidade), perímetro de transição e perímetro preferencial (*Figura 4*).

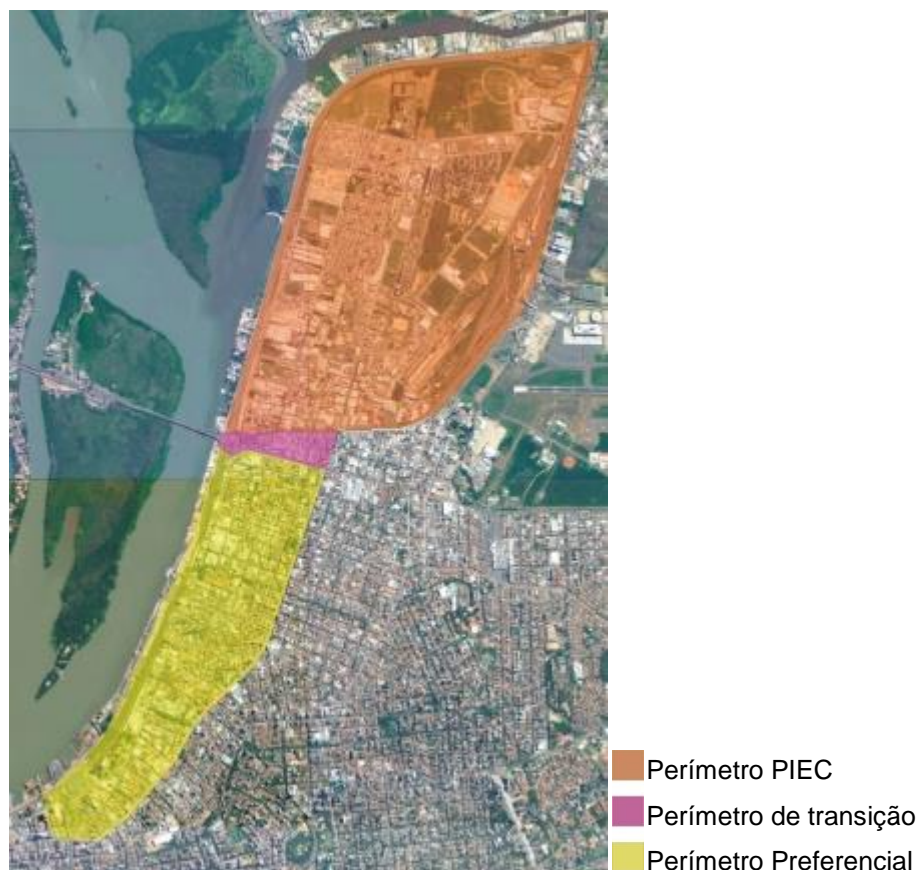


Figura 4 - Áreas de atuação GT4º.

Fonte: PMPA [recurso eletrônico]

O perímetro PIEC inclui a área da Arena do Grêmio e norteia projetos para o desenvolvimento sócio econômico da região, além de buscar uma melhor integração da região metropolitana de Porto Alegre. O perímetro de transição tem como principal objetivo o resgate da conexão da orla do Guaíba e o entorno da Igreja dos Navegantes, além da qualificação do espaço público. O perímetro preferencial é destinado a revitalização urbana e reconversão econômica, objetivando densificação e miscigenação de usos. Espera-se alcançar estes objetivos através da implantação de novos empreendimentos (PMPA, [recurso eletrônico]).

4. A RENOVAÇÃO DO 4º DISTRITO PELA CULTURA

Iniciativas da sociedade civil apontam novos rumos para o 4º distrito. Moradores e empreendedores da região começam a se articular de forma colaborativa para requalificar a área. A economia criativa, tendência urbanística mundial, baseia o crescimento das cidades em inovação e participação social.

O conceito de cidade criativa diz respeito a áreas urbanas onde há reunião de pessoas com um mesmo potencial criador. A concentração gera fluxo de troca de informações e serviços. O mercado é fortalecido pela competitividade e a aplicação de apoio do poder público através de políticas e programas de incentivo é facilitado. Os três pilares para que uma comunidade funcione de forma criativa são: tecnologia, talento e tolerância (LEITE, 2012).

Em dezembro de 2014 a prefeitura de Porto Alegre apresentou o Plano Municipal de Economia Criativa, elaborado a partir de reuniões com representantes de diversas instituições que compõem o Comitê Municipal de Economia Criativa, existente desde outubro de 2013. A realização do trabalho possibilitou a construção de uma rede pessoas e entidades com interesses comuns para o desenvolvimento criativo (FLORES, 2014).

Os eixos nortecedores do Plano vão desde marcos legais até projetos de sustentabilidade e educação permanente para economias criativas. Outra ação prevista é o mapeamento de polos com vocações específicas que possam ser catalisadas. O 4º distrito já aparece como área com dinâmica própria, razão pela qual abriga o primeiro Polo de Economia Criativa estabelecido oficialmente pela prefeitura (FLORES, 2014).

No entanto, são principalmente iniciativas privadas que já mobilizam o 4º distrito de Porto Alegre. Há pelo menos dois anos surgem organizações dispostas a transformar a degradada zona industrial. Os dois projetos de maior destaque neste contexto, serão apresentados a seguir.

4.1 Distrito Criativo

O coletivo Distrito Criativo, foi concebido no final de 2013 pela UrbsNova, uma agência de inovação social. Também chamado de Distrito C, este coletivo busca

fortalecer o relacionamento entre artistas e empreendedores com o entorno social e urbano no qual estão inseridos (DISTRITO C).

O Distrito C apresenta-se como um projeto ‘transbairro’ que, embora tome o 4º distrito como referência histórica, não atua na região como um todo. O território de atuação do coletivo não é rígido, podendo variar conforme novos participantes são agregados. Atualmente, estão articulados cerca de oitenta negócios em uma região de, aproximadamente, 80 hectares – a maior parte localizada no bairro Floresta, conforme pode ser observado na *Figura 5* (URBSNOVA).

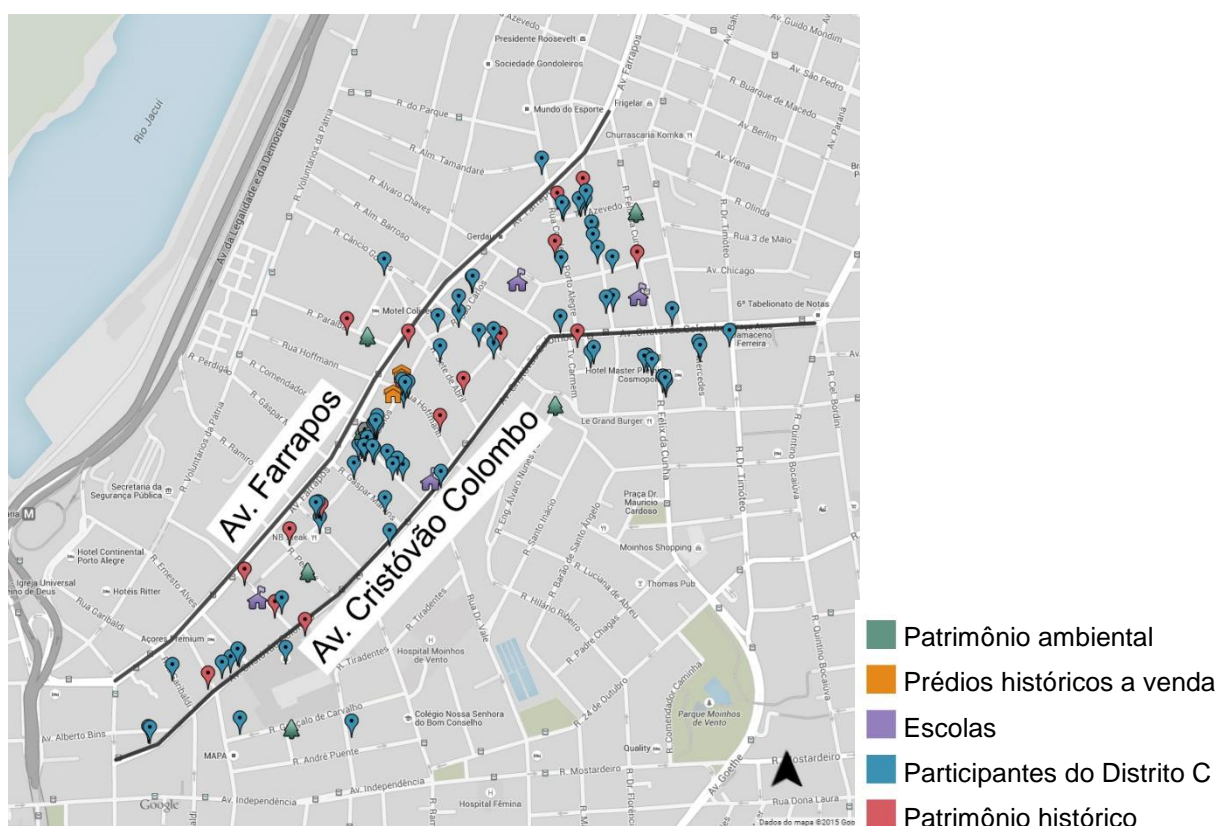


Figura 5 - Mapa do Distrito C.

Fonte: DISTRITO C [recurso eletrônico adaptado]

Os projetos de revitalização em Porto Alegre têm dificuldades causadas por suas dimensões, então o Distrito C atua em um território tamanho intermediário, ideal para alcançar seus objetivos. De um lado, projetos muito pontuais, que efetivamente revitalizam um terreno ou edificação específica, não têm força para mobilizar a comunidade e transformar uma área maior em pouco tempo. De outro lado, os chamados *masterplans* exigem um esforço coletivo da sociedade civil e governamental e enfrentam muita burocracia para sair do papel (PIQUÉ, 2015).

Há três tipos de atividades econômicas predominantes entre os participantes do Distrito C: *economia criativa*, *economia do conhecimento* e *economia da experiência*. O primeiro tipo, chamado de *economia criativa* produz e distribui bens com valor simbólico e artístico. Este ramo compreende, por exemplo, galerias de arte, músicos, designers e lojas de antiguidade. A segunda atividade, também de valor simbólico, é a *economia do conhecimento*, que é fundamentada na transmissão de valores relacionados a realidade, através de pesquisa, informação e ensino. Estes valores são disseminados por jornais, editoras, faculdades e cursos de arte, entre outros. A terceira economia é baseada na *experiência*, que pode ser física, sensorial ou emocional, oferecida através de gastronomia, turismo, esporte, etc. As três atividades relacionam-se proporcionando um ambiente fértil para novas ideias e parcerias (DISTRITO C).

O Coletivo estrategicamente organiza seu trabalho a partir de ‘linhas de ação’ voltadas tanto para as áreas públicas da região, quanto para o fortalecimento econômico e social da comunidade. A revitalização urbana é a estratégia que tem maior dependência de investimento do setor público. Aspectos como iluminação pública e melhoria no sistema de drenagem das vias, por exemplo, estão além do esforço da comunidade. No entanto, alguns projetos pontuais lançados pelo coletivo Distrito C visam trazer melhorias urbanas, como a instalação de hortas públicas e o reaproveitamento de exemplares arquitetônicos ociosos (DISTRITO C).

No âmbito social há estratégias voltadas para a inclusão de grupos em situação de risco existentes na região. O trabalho consiste na identificação destes grupos e no apoio através de ações humanitárias, colaborando com organizações já existentes, civis e religiosas. A integração da comunidade local é incentivada por atividades que conectam os participantes partindo de seus interesses comuns e da aproximação com a história do território. Busca-se a retomada do espírito solidário e coletivo que ali existiu. Em parceria com escolas e outros coletivos são oferecidos cursos, palestras e *workshops* (DISTRITO C).

A construção de uma identidade urbana própria, que torne legível a sua abrangência dentro da cidade, é uma intenção do Distrito C. Para isto, aos poucos, serão projetadas ações tanto no nível físico-visual, quanto para a criação de uma cena urbana diferenciada, através de eventos e da dinâmica de funcionamento da região. No nível físico, os participantes, ligados a arte e design, formularão material gráfico

específico e elementos de mobiliário urbano. A arte pública também se fará presente sempre que possível, através de murais, esculturas e calçadas artísticas (DISTRITO C).

Por fim, espera-se que a concordância desta série de estratégias culmine em maiores investimentos dos setores público e privado. O estabelecimento de um “turismo criativo” é um dos maiores focos do coletivo, que inspira-se em experiências internacionais. Os idealizadores do Distrito C almejam atrair turistas brasileiros e estrangeiros, além de promover maior circulação e engajamento de moradores de outras áreas de Porto Alegre (DISTRITO C).

Uma das iniciativas de turismo criativo do coletivo foi premiada no II Prêmio de Inovação em Turismo, promovido pela Secretaria de Turismo do Estado, em 2014. O *Passeio das Artes* recebeu o troféu na categoria turismo histórico-cultural. O projeto consiste na criação de um roteiro com vinte e cinco pontos a serem visitados de forma autônoma ou em visitas guiadas periódicas. São locais onde se tem contato com a arte, a cultura e a história da região – como prédios históricos e galerias (DISTRITO C).

4.2 Vila Flores

Outro projeto que já traz nova vitalidade para o 4º distrito é o Vila Flores. Localizado no bairro Floresta, surge da reocupação de uma edificação da década de 1920. O conjunto arquitetônico, composto por dois prédios, um galpão e um pátio, é obra do arquiteto-engenheiro Joseph Lutzenberger, um dos expoentes da arquitetura no Rio Grande do Sul no início do século (Figura 6). A Vila Flores foi construída para servir como moradia de aluguel para os funcionários da região industrial e, até 2010, não teve seu uso modificado, o que garantiu a preservação das suas características tipológicas. Devido a seu valor histórico e arquitetônico, o conjunto faz parte do inventário de bens de patrimônio municipal e é listado como bem de interesse cultural para o Município (VILA FLORES).



Figura 6 - Complexo arquitetônico Vila Flores.
Fonte: BRAESCHER [recurso eletrônico]

Em 2010, quando encontrava-se desocupada e deteriorada, a nova geração de proprietários viu na economia criativa uma nova uma nova proposta de ocupação da Vila Flores. A iniciativa visava revitalizar o conjunto e ativá-lo como um espaço cultural, núcleo de práticas colaborativas, capaz de contribuir para a renovação cultural do 4º distrito. Então, em 2011, começou a ser estudado o projeto para a reforma e recuperação das edificações (Figura 7). A intenção é transformar o espaço em uma galeria, restaurante, café, salas de exposições, habitação temporária e salas comerciais. (COSTA, 2015).



Figura 7 – Render do projeto de revitalização da Vila Flores.
Fonte: VILA FLORES [recurso eletrônico]

Enquanto busca investimentos para viabilizar o projeto, o grupo de idealizadores já ocupa o conjunto. Hoje residem no Vila Flores vinte atores da economia criativa que atuam em diversas áreas como: arquitetura, design, artes sonoras, cênicas e visuais, além de entusiastas da tecnologia e da inovação (VILA FLORES).

Também reside no conjunto a Associação Cultural Vila Flores. Trata-se de uma associação sem fins econômicos com caráter cultural, recreativo, técnico, educacional, ambiental e científico que trabalha de forma colaborativa com parceiros que queiram realizar atividades no Vila Flores. Seus temas de interesse são quatro: arte e cultura, educação, empreendedorismo e regeneração urbana (VILA FLORES).

Em janeiro deste ano, o arquiteto Costa (2015) realizou uma pesquisa com os ocupantes do Vila Flores na época, que evidenciou que o ambiente de trabalho foi o que os levou a instalarem-se lá, mesmo que sua infraestrutura ainda seja um dos pontos fracos do local. A estrutura colaborativa é apontada como o maior diferencial:

As empresas se sentem satisfeitas em uma visão geral sobre o empreendimento, veem como uma vantagem estarem trabalhando em um local com outras empresas da área criativa e buscam desenvolver trabalhos em parceria com as outras empresas que também ocupam o espaço (COSTA, 2015, p. 105).

5. A MUDANÇA NO IMAGINÁRIO DO 4º DISTRITO

Este capítulo buscará uma aproximação ao imaginário existente hoje a respeito do 4º distrito. Para tanto, será apresentada e analisada a pesquisa documental realizada para este estudo e a entrevista com um dos agentes da mudança que começa a ocorrer na região, Jorge Piqué, o idealizador do Distrito Criativo. Para o fechamento deste capítulo, serão relacionadas as ideias dos autores estudados no capítulo 2 com o resultado da pesquisa e as informações trazidas na entrevista.

O estudo do imaginário urbano explicitou a função impulsionadora da imagem da cidade para o seu uso e apropriação, e vice-versa. Acompanhando o desenvolvimento do 4º distrito de Porto Alegre até os dias atuais, percebemos que houveram grandes mudanças na maneira como os cidadãos se apropriaram da região. Se, por um lado, as mudanças inicialmente foram impostas por fatores econômicos e diretrizes urbanas, hoje a tentativa de requalificação do espaço deve passar por um processo de transformação do imaginário urbano do local.

Reconhecendo que é apenas através do uso que se compreende o urbano (FERRARA, 1988), é interessante pensar no imaginário existente a respeito do 4º distrito. Afinal, conforme coloca Silva (2003), esta imagem funciona como um motor, impulsionando práticas específicas para o território.

Para nos aproximar da imagem existente hoje sobre o 4º distrito, foi feita uma pesquisa baseada em um dos aspectos que, conforme os autores estudados, é constituinte do imaginário urbano: as narrativas sobre o espaço, especialmente as notícias veiculadas nos meios de comunicação.

5.1 O imaginário no jornal

Assim, para a pesquisa documental, o veículo escolhido foi o jornal Zero Hora. A escolha por este veículo se deu por sua importância na sociedade gaúcha. O Zero Hora é o jornal mais lido do sul do Brasil, sua edição impressa atinge 687mil leitores. Setenta e quatro por cento dos seus leitores faz parte das classes A e B e é para estas classes que a publicação é direcionada (RBS, 2015a).

Devido às grandes dimensões e à complexidade do 4º distrito, o corpus da pesquisa resumiu-se ao bairro Floresta. A escolha por este bairro se deu pela concentração de novos projetos de economia criativa no local, como o Distrito Criativo

e o Vila Flores. Ainda, o Floresta apresenta-se como a primeira região do antigo distrito industrial com reais transformações sentidas por sua comunidade.

Para a coleta das informações foi utilizada a ferramenta de leitura da edição impressa oferecida pelo veículo em seu site. Através desta ferramenta, é possível realizar uma pesquisa a partir da escolha de palavras-chave e período. Para o presente trabalho, foi utilizada a palavra-chave “Floresta” e selecionadas as ocorrências desde 1º de janeiro de 2012 até o dia 23 de maio de 2015². Não foram coletadas as informações contidas em cadernos de Classificados, nem aquelas que se referiam a palavra *floresta* sem estar referindo-se ao bairro de Porto Alegre. Com os critérios adotados, foram filtradas 165 ocorrências sobre o bairro Floresta, no jornal Zero Hora. Foi construída uma tabela onde consta a data, o caderno e o título destas ocorrências (Anexo A).

É importante destacar a grande ocorrência de notícias sobre o bairro no caderno ZH Moinhos. Este caderno era distribuído apenas na região dos bairros Moinhos de Vento, Auxiliadora, Rio Branco, Floresta e Independência, mas hoje não existe mais. Ele oferecia um olhar mais aproximado da realidade dos moradores e contribuía para a formação do imaginário de pessoas especificamente destes bairros.

5.1.1 Temáticas abordadas

Para uma melhor compreensão do imaginário urbano formado pelo jornal, as referências ao bairro Floresta foram organizadas em sete categorias, conforme a temática abordada, são elas: *arte e cultura*, *infraestrutura*, *comunidade*, *promoção*, *patrimônio histórico*, *polícia* e *patrimônio ambiental*. Na categoria *arte e cultura* estão aquelas ocorrências que tratam de artes, educação e economia criativa. O tema *infraestrutura* diz respeito a aspectos urbanos e materiais que impactam a vida dos cidadãos. As ocorrências que dizem respeito aos cidadãos do bairro, suas práticas e características, estão colocadas na categoria *comunidade*. A categoria *promoção* abrange notícias e notas que divulgam projetos, serviços e estabelecimentos locais. Como *patrimônio histórico* estão categorizadas as notícias que tratam de edificações com valor histórico existentes no Floresta. A temática *polícia* compreende notícias de

² Este período foi selecionado por compreender o ano em que ocorreram as primeiras divulgações do Vila Flores, 2012, até a data em que foi realizada a pesquisa.

crimes ou violências ocorridas no bairro. E, por fim, a categoria *patrimônio ambiental* compreende o que é divulgado sobre a natureza presente no bairro.

Algumas notícias trazem mais de uma temática e, para este trabalho, foram classificadas conforme o aspecto considerado mais relevante pela autora. Serão comentadas com maiores detalhes aqueles assuntos pertinentes ao tema desta monografia (como a economia criativa) ou que tiveram destaque, seja pela quantidade de vezes que foram noticiados ou pelo espaço da publicação dedicado a eles.

O Gráfico 1 apresenta a proporção de cada temática no corpus da pesquisa.

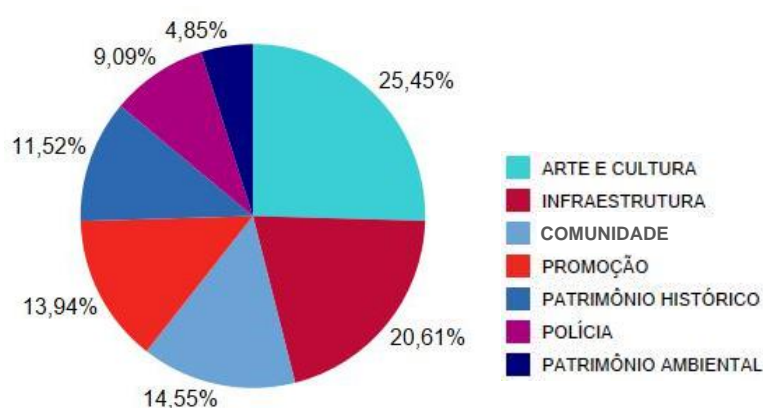


Gráfico 1 - Proporção de temas, considerando todo o período da pesquisa.
Fonte: Realizado pela autora.

A primeira temática analisada será *arte e cultura*. Um quarto de todas as notícias que fizeram referência ao bairro Floresta estavam relacionadas com este tema. Logo, foi este o assunto mais recorrente, quando foi citado algo sobre o bairro no jornal Zero Hora. Foram colocadas nesta categoria as correspondências ligadas a eventos culturais que ocorreram no bairro, artistas locais, grupos e empreendedores de economia criativa. Foram incluídos tanto anúncios pagos que faziam referência ao bairro, quanto mídia espontânea, gerada por acontecimentos na região.

A primeira vista, chama atenção que, de todas as notícias desta categoria, pouco mais de um quarto estavam relacionadas com as iniciativas Vila Flores e Distrito Criativo, exemplares de economia criativa. A primeira das notícias deste tipo apareceu em 26 de julho de 2012 e a frequência das ocorrências aumentou com o passar do tempo. Devido ao significativo crescimento deste assunto, ele será aprofundado mais adiante, neste capítulo.

Conforme será relatado a seguir, a arte está nas ruas do bairro Floresta, também no sentido literal. A primeira evidência filtrada, foi publicada no caderno ZH Moinhos, em novembro de 2012. Sob o título “Vizinha com talento para colorir o bairro”, foi divulgado o trabalho de uma artista local, que produz arte de rua. Junto à foto de um de seus trabalhos há a legenda: “Artista do Floresta: Nina Moraes tem vários grafites pela região” (CHRISTINI, 2012).

Outra forma de arte, a poesia, também ocupou uma rua do bairro. Em novembro de 2013, a contracapa do Segundo Caderno trouxe a nota “Poesia na janela”, sobre um sarau realizado por artistas locais, que leram seus poemas de dentro de um sobrado, voltados para a rua. O texto mostrava a relação do evento, que transformou as “janelas em palco e a calçada em camarote” (LERINA, 2013), com o Brechó de Rua, já realizado periodicamente no bairro.

O evento Walking Gallery foi noticiado três vezes no período analisado. Em dezembro de 2013, no caderno ZH Moinhos a notícia “Caminhada coloca arte nas ruas da capital” contava que as ruas do bairro Floresta receberam uma galeria de arte itinerante, com passeios guiados por artistas, que carregavam suas obras (GUARDIOLA, 2013). Duas vezes em março do ano seguinte, no caderno ZH Moinhos e na contracapa do Segundo Caderno, respectivamente, a ‘galeria caminante’ foi relacionada com o Distrito Criativo. Na divulgação no ZH Moinhos foi noticiado: “os participantes vão percorrer no bairro Floresta o Distrito Criativo” (ARTE, 2014). E, no Segundo Caderno:

Em PoA cerca de 54 artistas e empreendedores da economia criativa, do conhecimento e da experiência irão percorrer algumas ruas do chamado Distrito Criativo, como Visconde do Rio Branco, Conde de Porto Alegre, São Carlos e Comendador Coruja. (LERINA, 2014).

Grande parte das ocorrências do assunto *arte e cultura* relacionado ao bairro Floresta trata do trabalho de artistas instalados no local. Destas, a maioria foi publicada nos cadernos Segundo Caderno e Donna, o primeiro voltado para cultura e entretenimento e o segundo, para os interesses da mulher contemporânea (RBS, 2015b). O nome do bairro, nestes casos não aparece meramente como o endereço dos locais, mas no corpo do texto.

Em julho de 2013, no Segundo Caderno, foi apresentado o NoventaMil, misto de galeria de arte e escritório de design do arquiteto Fernando Pinto. A colunista Milena Fischer chama atenção para a localização do espaço bairro no Floresta e

complementa: “O Soho de Porto Alegre, como a vizinhança artística apelidou a região” (FISCHER, 2013).

No caderno Donna as divulgações foram publicadas na coluna “Perfil”. Assinada por Fernanda Pandolfi, esta espécie de coluna social é destinada ao público feminino descolado das classes A e B.

No período observado, foram anunciadas exposições de arte em estabelecimentos no Floresta, como na galeria Bolsa de Arte de Porto Alegre. Em março de 2015, em homenagem ao aniversário da cidade, foi feita a matéria “Porto Alegre: para curtir em Porto”, em que colunistas e comunicadores do grupo RBS indicaram lugares para serem disfrutados na cidade. Na área destinada a cultura o colunista Roger Lerina indicou a Bolsa de Arte, colocando que esta é “um dos principais endereços de arte contemporânea do Estado.” (LERINA apud PORTO, 2015).

Há diversidade nas formas de arte presentes no bairro Floresta, conforme mostram as notícias filtradas e colocadas nesta categoria. A classe artística local apresenta-se articulada entre si e com outras iniciativas de associações e coletivos de bairro. Estão presentes nesta análise, tanto artistas que ocupam pequenos ateliês pulverizados pelas ruas do bairro, quanto grandes referências no campo da arte, que atraem mais olhares para a região.

O segundo tema analisado é *infraestrutura*, o segundo com maior ocorrência (20,61%). Dentro desta categoria é possível identificar as notícias que são positivas ou negativas para a imagem do bairro. Uma subcategorização foi realizada para que esta percepção aconteça de forma mais clara. O *Gráfico 2* apresenta a proporção de cada subcategoria.

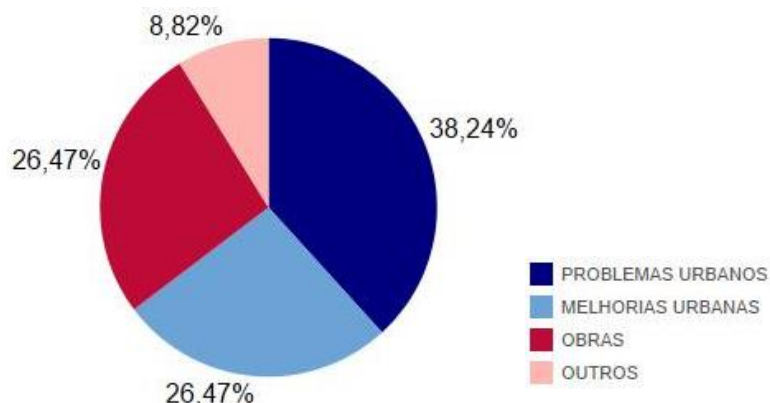


Gráfico 2 - Subcategorias do tema infraestrutura.
Fonte: Realizado pela autora.

Dentro da temática de *infraestrutura*, os *problemas urbanos* enfrentados no bairro Floresta se destacaram no jornal Zero Hora. Neste aspecto, foram recorrentes os informes de interrupções no abastecimento de água na região. No entanto, a privação deste serviço, quando informada no veículo, ocorreu no ano de 2012 e, de acordo com as notas publicadas, foi causada por obras realizadas pelo DMAE. Estava sendo feita, naquele ano, a substituição de redes antigas e a ampliação de redes existentes na Avenida Farrapos e nas ruas Voluntários da Pátria e Ramiro Barcelos. Os títulos destes textos indicam os problemas acarretados no cotidiano dos moradores do bairro: são utilizados termos e expressões como “inconveniente” (MAGS, 2012a) e “faltar água” (MAGS, 2012b). Embora pareçam negativos à primeira vista, estes informes, na realidade, apontam para investimentos na rede pública local.

Teve destaque, também em 2012, em novembro, na capa do caderno ZH Moinhos, o incêndio de uma árvore na Rua Paraíba, em um dia ventoso. Com o título “Perigo nas ruas”, a notícia alertava para os riscos de vegetais estarem encostados em fios de luz. A ênfase dada ao assunto justificou-se, no corpo do texto, pelo fato de túneis verdes serem comuns na região. A participação dos moradores foi incentivada, no mesmo texto, que colocou como fundamental a observação diária das condições dos vegetais locais (PERIGO, 2012).

Em fevereiro de 2015, a matéria intitulada “Chuva alaga ruas e invade casas” relatou prejuízos e dificuldades enfrentados na zona norte da cidade. No bairro

Floresta, além dos alagamentos que interromperam vias, causando transtorno no trânsito, foram relatadas quedas de árvores (CHUVA, 2015).

As *melhorias urbanas* e as *obras públicas* realizadas no bairro Floresta correspondem a pouco mais da metade das referências no jornal à *infraestrutura* do local, no período analisado. Foram considerados melhorias os implementos de equipamentos urbanos, como parquímetros, bicicletários e contêineres de lixo. Em 2012, a instalação de dois novos controladores de velocidade, sendo um na Rua Voluntários da Pátria, ganhou destaque de uma página inteira na seção Região Metropolitana, no jornal. Nesta ocasião, sob o subtítulo “Protesto deu resultado”, parte do texto destacou que a lombada eletrônica colocada no Floresta foi uma resposta a um protesto realizado por moradores da região, após uma criança ter sido atropelada no local (OLHO, 2012). Este é um exemplo da mobilização da comunidade do bairro a favor de seus interesses.

Duas obras públicas foram relatadas no jornal Zero Hora em, pelo menos, três ocasiões cada. A ampliação da Rua Santo Antônio foi assunto no jornal no ano de 2012. Em janeiro daquele ano, foi anunciado que, após seis anos de entraves burocráticos, as obras do trecho da rua que faz conexão entre a Rua Voluntários da Pátria e a Avenida Farrapos seriam iniciadas. Bancada pelo Shopping Total, a execução foi uma contrapartida exigida pela prefeitura ao impacto causado pela implantação do shopping na região (MAGS, 2012c). Nesta ocasião, estimava-se que a obra duraria noventa dias, mas, em 22 de novembro, a capa de uma das edições do caderno ZH Moinhos estampava a manchete “Santo Antônio na reta final” (SANTO, 2012).

A outra grande obra de infraestrutura relacionada com o bairro Floresta é o conduto Álvaro Chaves. Concluído em 2008, o conduto forçado rompeu-se no início do ano de 2013, o que foi relatado na capa e em uma matéria no caderno ZH Moinhos. A manchete da capa foi “Por água abaixo” (BECK, 2013a). O conduto se rompeu mais duas vezes no mesmo ano e, na terceira vez, o grande volume de água derrubou uma árvore na Avenida Cristóvão Colombo – todos estes inconvenientes foram notícia no jornal.

Observando o que é noticiado sobre *infraestrutura* urbana no Floresta, no período analisado, é possível perceber que, embora ainda tenha problemas, o bairro

recebe constantemente melhorias por parte da prefeitura. Prova disto é que equipamentos urbanos como parquímetros e contêineres de coleta de lixo, que são instalados nos bairros da cidade por fases, foram colocados no local estudado já nas fases iniciais, o que foi noticiado no jornal.

A relação com a água, marcante no passado da região, segue significativa. Os alagamentos e as obras de saneamento divulgadas no jornal, confirmam o imaginário constituído através dos relatos do passado, marcados, principalmente, pela enchente de 1941.

Agora será analisada a temática *comunidade*, a terceira com maior ocorrência na pesquisa realizada (14,55%). Nesta categoria estão incluídas referências ao bairro Floresta que informam características da comunidade que ali habita, suas práticas sociais e dados demográficos.

Em primeiro lugar, chama a atenção que mais da metade das notícias com esta temática foram publicadas no caderno ZH Moinhos. O caderno era destinado especificamente para moradores da região e aproximava as relações entre eles, trazendo informações sobre a vizinhança.

Fora do caderno ZH Moinhos, as notícias deste tema trouxeram principalmente dados demográficos. Em abril de 2012, uma pesquisa divulgada na matéria “Vivendo a margem: mais moradores de rua em Porto Alegre”, apontou o bairro Floresta como o segundo bairro com mais moradores de rua de Porto Alegre, apenas atrás do Centro Histórico. Foram localizados no Floresta 134 moradores de rua, 10% do total da cidade (VIVENDO, 2012). Este mesmo dado foi apresentado outra vez no dia seguinte, em uma matéria mais aprofundada que teve o título “Vida sem teto – a mapa de quem mora na rua” (MAGS, 2012d).

No entanto, a outra ponta da pirâmide social também é representada nas notícias sobre o bairro, durante o período da pesquisa. Em 2014, um levantamento feito pelo caderno Pense Imóveis listou os quinze bairros com imóveis mais caros da cidade. Na ocasião, foi constatado que a região do 4º distrito (foi explicado em nota que era composto pelos bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes, Marcílio Dias, Farrapos e Humaitá) ocupava o décimo primeiro lugar, o metro quadrado custando, em média, R\$6.320,00 (OS, 2014). Em maio de 2015, o jornal noticiou os painelaços realizados em protesto durante o pronunciamento da presidente Dilma. De acordo

com a notícia, foram registrados protestos em bairros de classe média-alta, estando o bairro Floresta incluído na lista (PANELAÇOS, 2015).

Já nas notícias veiculadas no caderno ZH Moinhos classificadas na mesma temática, as informações constantes fazem referência a dinâmicas da comunidade local e a alguns de seus personagens. Em 2012, uma pesquisa localizou os cidadãos centenários de Porto Alegre. Na época, de um total de cento e cinquenta, quatro habitavam no bairro Floresta. Em matéria especial, o caderno ZH Moinhos apresentou, durante quatro edições, alguns destes moradores da região. Em entrevista, um professor do Instituto de Geriatria e Gerontologia da PUC-RS comentou o resultado da pesquisa: “Percebemos que estes longevos estão localizados em bairros de classe média alta. Não simplesmente pelo alto poder aquisitivo, mas também por serem os bairros mais antigos de Porto Alegre” (BOS apud A, 2012).

As iniciativas de moradores em prol melhorias no bairro são um assunto destacado nas notícias que tratam da *comunidade*, no caderno ZH Moinhos. Em julho de 2012, foi publicado o texto enviado por um leitor, que divulgou a associação Refloresta pela primeira vez no jornal. Com o título de “A revitalização do bairro Floresta”, o artigo anunciava e convidava a comunidade para as reuniões quinzenais do grupo. Também foi contado o que incentivou a iniciativa:

Entusiasmados com a recente inauguração de um hostel na Rua São Carlos com a Rua Gaspar Martins, vários moradores torcem que esta não seja uma ação isolada, de apenas um empreendedor. A ideia é que apareçam outros e que modifiquem o bairro, trazendo progresso, empregos e uma modernidade sustentável.

O hostel abriu em janeiro deste ano e, desde então, tem hospedado, diariamente, dezenas de jovens do mundo todo, que se encantam com a arquitetura do bairro, mas se espantam com o que ocorre à noite: prostituição, algazarra, som altíssimo e brigas e discussões entre profissionais do sexo e clientes. (ALVES, 2012)

A mobilização da Associação Refloresta saiu das páginas do caderno ZH Moinhos e foi notícia também no caderno Geral do jornal, no dia 13 do mesmo mês de julho. Uma nota de título “Caminhada na Capital” documentou com foto uma caminhada noturna, realizada por cerca de 30 moradores do bairro Floresta, para chamar a atenção de problemas como acúmulo de lixo, falta de iluminação, perturbação pública e prostituição, na região (CAMINHADA, 2012).

Os resultados das reivindicações dos moradores do bairro também foram relatados no caderno ZH Moinhos, em 2013. A notícia “Ação colaborativa no bairro

Floresta” contou que, atendendo a uma reivindicação do Conselho Comunitário de Justiça e Segurança (Conjus) do Floresta, foi realizado um mutirão, organizado pela prefeitura, para melhorar as condições do local. Na ocasião trabalharam funcionários do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), do Departamento de Esgotos Pluviais (DEP), da Secretaria do Meio Ambiente (SMAM) e da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) (ALVES, 2013).

Durante o período da pesquisa, a imagem que se forma a respeito da *comunidade* que ocupa o bairro Floresta é de diversidade social, onde convivem setores marginalizados da sociedade, como prostitutas e moradores de rua, com moradores de classe média alta. Chama a atenção a redescoberta da coletividade existente no bairro, característica histórica do distrito industrial. A divulgação das ações das organizações em prol da região no jornal, além de divulgá-las, mantém a confiança dos participantes no sucesso das mesmas.

A quarta temática analisada será *promoção*. O material coletado que consiste na divulgação de projetos, serviços e estabelecimentos do bairro Floresta foi classificado nesta categoria. As ocorrências desta natureza têm média participação no total do que foi escrito sobre o bairro no jornal Zero Hora, no período analisado (13,94%).

Há relação entre o caráter do que é divulgado e o imaginário que se constrói do local, uma vez que diz respeito às atividades ali exercidas e seus frequentadores. Assim como na temática *infraestrutura*, para *promoção* foram estabelecidas subcategorias, que possibilitam uma imagem mais clara das atividades econômicas do bairro Floresta. O Gráfico 3 mostra a proporção entre estas subcategorias.

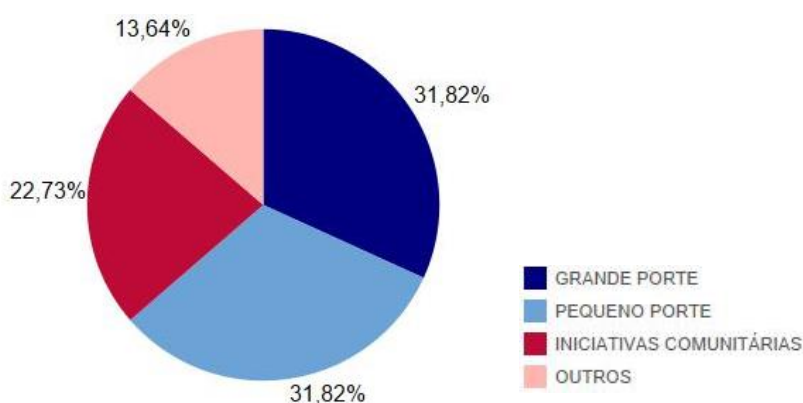


Gráfico 3 - Subcategorias do tema promoção.
Fonte: Realizado pela autora.

As sete divulgações de projetos de *grande porte* no bairro Floresta se referiram a três empreendimentos: o Cosmopolitan Master Palace Hotel e o Shopping Floresta, que fazem parte do mesmo projeto, e um complexo multiuso. As notícias que tratam destes projetos foram publicadas nos cadernos Economia, Informe Econômico e Gente & Negócios, com exceção de duas, publicadas no ZH Moinhos.

Em fevereiro de 2012 a manchete da capa de uma das edições do ZH Moinhos foi “Promessa renovada: Shopping Floresta deve virar realidade este ano, com abertura de hotel que funcionará no local”. Naquela ocasião a notícia relatava que o shopping estava em construção há mais de uma década e com a inauguração prometida há pelo menos quatro anos. De acordo com o jornal, a comunidade do bairro via a iniciativa como positiva, mas temia por transtornos viários no local. Em depoimento, o proprietário de uma loja no entorno disse: “Vai movimentar bastante a região, trazer um público que hoje não vem para cá, como aconteceu com o Moinhos (shopping). E para mim, quanto mais movimento melhor” (GRAZIADIO apud PROMESSA, 2012). Então, em novembro do mesmo ano, o mesmo caderno anunciou “O maior hotel da capital está de portas abertas” - tratava-se da inauguração do Cosmopolitan Hotel, o hotel com maior número de quartos de Porto Alegre (TURISMO, 2012). Cinco meses depois da inauguração, uma notícia na seção Economia teve como manchete: “Excesso de leitos, novos hotéis derrubam ocupação” e estampou uma foto do hotel no Floresta, o qual, de acordo com a notícia, tinha apenas 45% dos seus apartamentos ocupados (FARINA, 2013).

O Shopping Floresta, no entanto, ficou só na promessa. Em maio de 2013, na coluna Informe Econômico, uma nota anunciou que a construtora que estava construindo o shopping estava lançando um novo empreendimento na Nilo Peçanha. Um representante do grupo deu o seguinte depoimento: “A força de Porto Alegre saiu da Cristóvão e foi para a Nilo Peçanha” e garantiu que “o projeto do Shopping estava sendo modernizado” (ISDRA apud HAMMES, 2013a). Até hoje as obras do shopping ainda não estão concluídas.

O incentivo através da divulgação de empreendimentos de *pequeno porte* foi sempre direcionado, no período analisado, a estabelecimentos relacionados a gastronomia. Os locais divulgados foram sempre elogiados por termos como “ambiente descolado” (UM, 2012) e “bar diferenciado” (RESTAURANTE, 2013). Em novembro de 2013, no caderno Donna, foram apresentados 10 locais para se

conhecer em Porto Alegre. Por exemplo, o Celare Armazém que, de acordo com a autora da matéria, era “um dos responsáveis por transformar a Visconde do Rio Branco, no bairro Floresta, em um ponto *in* de Porto Alegre” (101, 2013).

Foi divulgado em março de 2014, na coluna Rede Social, uma coluna social propriamente dita, o S3 Food Lab Design. Trata-se de uma empresa para auxiliar aqueles que precisam de suporte para abrir negócios ligados à gastronomia. De acordo com a nota, “a casa do bairro Floresta – que envolve cozinha, laboratório e sala de estar – também funciona como um ambiente para amantes da boa mesa” (PANDOLFI, 2014).

As *iniciativas comunitárias* divulgadas no jornal Zero Hora, no período analisado foram organizadas por coletivos e associações de moradores do bairro. Dentro desta temática, teve destaque o Brechó do Floresta, organizado pelo grupo Refloresta. Divulgado três vezes, em uma ocasião foi capa do caderno ZH Moinhos (BRECHÓ, 2012).

A intenção de transformar a região do bairro Floresta através de iniciativas como esta, fica clara nesta matéria de capa do Caderno, em novembro de 2012. A manchete é “Brechó do Floresta integra a comunidade”.

[...] tem recebido cada vez mais visitantes para compras e trocas de mercadorias, além de exposições artísticas e musicais. Docinhos e guloseimas também compõem o clima alegre e descontraído dos encontros da vizinhança. Idealizado pela associação de moradores Refloresta, o brechó faz parte da estratégia de revitalização da região. (BRECHÓ, 2012.)

O engajamento dos moradores do bairro com a causa de revitalização do bairro passa pela aproximação entre os vizinhos, relatada em depoimento de uma moradora: “Os vizinhos estão se descobrindo e descobrindo uns aos outros” (PRATES apud BRECHÓ, 2012). Há indícios da imagem que a comunidade local pretende constituir no depoimento do proprietário do Porto Alegre Hostel Boutique, que vê o próprio negócio como impulsionador da mudança:

A rua São Carlos poderá seguir o exemplo da “Espanhola Way”, um dos maiores atrativos turísticos de South Beach, em Miami. A revitalização do local teve o início a partir da instalação do Clay Hostel, nos anos 80, fato que incentivou a vinda de feiras permanentes de antiguidades, instalação de galerias de arte, floristas, cafés ao ar livre, por exemplo. (ALVES apud BRECHÓ, 2012).

A matéria ainda colocou que o local onde realiza-se o brechó era marcado pela prostituição e se caracterizou, por muitos anos, pelo abandono e pela insegurança.

Dentre todas as iniciativas divulgadas, aparecem como mais bem sucedidas aquelas de menor porte. Os pequenos empreendimentos gastronômicos foram apresentados como tendo diferenciais que os colocavam no circuito social de Porto Alegre ou que demonstravam sua coerência com o clima de coletividade procurado pela comunidade local, como, por exemplo, o S3 Food Lab Design, que mais que um restaurante, é também um espaço *coworking* (PANDOLFI, 2014).

A quinta temática analisada será o *patrimônio histórico* existente no local. Pouco mais de 10% das notícias que se referiam ao bairro Floresta na pesquisa diziam respeito a este assunto. A partir da leitura destas notícias, percebemos que há a preocupação com o patrimônio do 4º distrito como um todo, embora em alguns casos, edificações específicas recebam atenção especial, por motivos diversos.

Foi assunto recorrente, no período analisado, o projeto de revitalização e reocupação da Vila Flores. Por sua significativa importância na mudança do imaginário do bairro Floresta, este assunto será aprofundado, neste trabalho, mais adiante.

A importância histórica da região do bairro Floresta foi citada em diversas ocasiões e contextos. Uma pequena nota que teve o título “Traçando a cidade” publicada em agosto de 2012, no Segundo Caderno, dizia que o bairro “tem um patrimônio histórico que merece ser preservado e revitalizado” (FISCHER, 2012). Em outra notícia, que anunciava a revitalização da Vila Flores, na coluna Região Metropolitana, havia certo romantismo no texto que enalteceu o passado histórico da região:

Há, nas ruas e avenidas do bairro Floresta, em Porto Alegre, histórias esquecidas e espaços subaproveitados. A região, cortada pela Avenida Farrapos, tem em seus prédios antigos páginas da vida industrial da cidade que muita gente desconhece. (MAGS, 2013).

Foi notícia em duas ocasiões, em fevereiro de 2013, a inclusão de uma edificação localizada no bairro Floresta, entre outras, no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). O PAC é o principal programa do governo federal para patrocinar projetos de restauração, revitalização e conservação do patrimônio cultural, constituído por monumentos, edificações e espaços públicos. A edificação em questão é o Palácio Santo Meneghetti, conhecido como Palacinho e localizado na avenida Cristóvão Colombo. Em uma notícia foi contada a história da edificação (INCLUÍDO, 2013), na outra foi ressaltada a importância da conquista para os moradores do bairro,

que já vinham lutando pela preservação de pontos históricos na região: “Obras desse gênero representam, para os moradores do bairro, o resgate da autoestima e de um referencial afetivo” (INDEPENDÊNCIA, 2013).

Uma estratégia para a preservação do patrimônio histórico foi notícia em abril de 2013, na seção Região Metropolitana. Com o título “Porto Alegre age contra o abandono imobiliário” foi anunciado o plano do município para assumir posse de prédios em degradação e com dívidas tributárias, quando houvesse intenção do proprietário de abandoná-los. De acordo com a notícia, o mapeamento dos imóveis começou pelo 4º distrito, onde foram classificados 50 prédios. Ilustrando o texto, há uma foto do primeiro prédio que deveria passar por regularização, localizado no bairro Floresta na Rua Voluntários da Pátria (TIEZE, 2013).

O abandono de edificações voltou a ser assunto no jornal, em abril de 2015, na matéria “Patrimônio em ruínas”, que tratou de imóveis tombados, com valor cultural, que estavam deteriorando-se diante da falta de interesse dos proprietários e da impunidade do poder público. Defendendo que a desapropriação dos bens não é a solução, o coordenador da Memória Cultural da Secretaria Municipal da Cultura colocou: “Não teríamos como adquirir todo tipo de imóvel que tem esse problema. Por isso a solução urbanística, de estudar o que pode ser construído, como será feito com o antigo Cinema Astor, no bairro Floresta, parece-me a mais viável” (CUSTÓDIO apud SCIREA, 2015).

A aproximação da academia com a história e a realidade atual do 4º distrito foi tema de matérias em 2014. Com os títulos “Estudantes vão projetar o 4º distrito ideal” (BECK, 2014a) e “Por uma Porto Alegre projetada” (BECK, 2014b), os textos mostram que o curso de arquitetura da PUCRS problematizava a região, em suas cadeiras de projeto, buscando relacionar-se com entidades locais. Foi apresentado o produto de um destes estudos, o trabalho de conclusão de um aluno, que escolheu o bairro Floresta para trabalhar: “Cheguei à escolha do Floresta por ser chave no 4º distrito, próximo a bairros nobres, ao Centro, e de boa qualidade de vida” (BERMANN apud BECK, 2014a). As duas notícias acima mencionadas trouxeram o mesmo depoimento da idealizadora do ateliê que direcionava os alunos para repensarem a região do antigo distrito industrial:

Ele possui vários setores de grande valor histórico e cultural, com casarios inventariados e outros que, embora não tenham grande valor individualmente,

contribuem para a paisagem urbana. Existem muitos motivos para trabalhar nesta área, porém a demanda urgente de novas intervenções não pode acontecer desvinculada de um processo integral e sensível às características do lugar. Vários bairros da cidade estão desconfigurando-se por ações individuais. (FIGUERA apud BECK, 2014a).

De acordo com esta urbanista, é necessário o estudo da história e da realidade social da região, para que se construa de uma forma consciente, agregando valores e não os perdendo. Por fim, a matéria ainda descreveu alguns projetos de grande investimento na região: de infraestrutura, habitação e estrutura viária, para indicar que o futuro da região estava em pauta também nos setores públicos (BECK, 2014a).

O passado do bairro Floresta foi valorizado em duas ocasiões, no período a, na página Almanaque Gaúcho, que diariamente traz fotos históricas de Porto Alegre. Em janeiro de 2013 uma foto sob o título “Do prado às fábricas” mostrou o caráter industrial da região na década de 1950 (CHAVES, 2013). Já em janeiro de 2015, a foto mostrava o Beco do Rosário, no Centro Histórico, mas foi comentada a intensa movimentação que chegada no local, vinda do bairro Floresta (CHAVES, 2015).

A memória local foi trazida na matéria “Passado Florido” em 2013, que mostrou com detalhes a vitalidade que existiu na Praça Florida, no bairro Floresta, e que hoje, degradada, é tida como ponto chave para a revitalização da região (VARGAS, 2013). A grande reportagem “Em busca por um norte”, publicada em 16 de novembro de 2014, trouxe detalhes da história do 4º distrito como um todo, até o ponto em que se encontra hoje, alvo de discussões para sua revalorização (FELIN, 2014). Nesta ocasião, foram coletados depoimentos de cidadãos sobre a situação do patrimônio existente no lugar, como de um morador da Rua Paraíba, no bairro Floresta:

Nasci e cresci aqui, vi as árvores ainda pequenas. Vivíamos apenas no bairro, não precisávamos ir ao centro comprar coisas. Hoje a região está largada. A prostituição aqui na frente não incomoda, é o trabalho delas. O maior problema é a sujeira, que atrai bichos. (TAMUJO apud FELIN, 2014).

A partir da observação do que o jornal publicou sobre o patrimônio histórico do bairro Floresta percebe-se que o local é reconhecido como portador de uma forte identidade histórica evidenciada e reconhecida nas suas edificações. No entanto, a preservação e reutilização dos espaços proposta pelo governo é pontual e está em fase inicial. A publicação de trabalhos acadêmicos no jornal alimenta o imaginário dos moradores e leitores, em geral, com um uma realidade desejada e alternativa a situação existente.

A sexta temática observada é *polícia*. As referências ao bairro Floresta nas páginas policiais, no período analisado, representou perto de 10% do total de ocorrências. Mais da metade das notícias desta natureza diziam respeito a dois assassinatos ocorridos no bairro: o caso do então secretário municipal da Saúde, Eliseu Santos, em 2010, e do ex-presidente do Conselho Regional de Medicina, Marco Antonio Becker, morto em 2008. O desenrolar das investigações dos dois casos foi notícia em todos os anos da pesquisa. Há em comum, nos dois assassinatos, a suspeita de que tenham sido crimes premeditados e realizados com as vítimas dentro dos seus carros.

O roubo de carros se apresentou, no jornal, como um problema da região. Em uma matéria publicada em 2013, o Floresta foi divulgado como um dos alvos de um bando que roubou 150 carros de luxo em seis meses (AZAMBUJA, 2013). Em julho de 2014, a notícia “Latrocínio no Bairro Floresta” noticiou que um guardador de carros conhecido na vizinhança foi assassinado quando tentou evitar que um carro fosse roubado: “Flanelinha tentou impedir roubo de veículo na Rua Santo Antônio, uma das vias com maior número de registros desse tipo de crime na Zona Norte” (LATROCÍNIO, 2014).

É interessante observar que, em três matérias, câmeras de segurança na rua foram utilizadas para captura e investigação de suspeitos: no caso do flanelinha, citado anteriormente (LATROCÍNIO, 2014); quando um homem foi executado na rua (EXECUÇÃO, 2012); e quando um adolescente foi flagrado pelas câmeras vendendo drogas, o que levou a sua prisão (GAROTO, 2012).

Os casos relatados no jornal destacaram crimes pontuais onde as vítimas eram personalidades públicas. O perigo na vida cotidiana não foi apontado como um problema no bairro, embora as notícias deem pistas de que a marginalidade não se sinta oprimida pelas câmeras de segurança para realizar os roubos de carros e vender drogas na rua, como ficou claro na notícia da prisão do traficante adolescente: “As imagens captadas por câmeras do Ciosp mostram o garoto negociando crack, conversando com usuários e escondendo drogas na boca e nas meias. Ele também gesticula para as câmeras” (ZERO HORA, 28/08/2012).

A última temática analisada é *patrimônio ambiental*, aquela com menor ocorrência no jornal Zero Hora, no período analisado. Conforme noticiado em maio de

2012, a região onde está o bairro Floresta tem uma “paisagem exuberante”. A notícia de título “Área de lazer: áreas adotadas e preservadas” mostrou a importância da iniciativa privada para a manutenção de espaços públicos, ao adotar praças e parques. Nesta ocasião, a Praça Atos Damasceno, localizada no bairro Floresta era adotada por uma firma de advocacia (ÁREA, 2012). A mesma praça foi notícia em outubro do mesmo ano, quando uma construtora adotou-a e executou um projeto de reformulação (MEDEIROS, 2012a).

Uma iniciativa do governo foi divulgada no dia 24 do mesmo mês: transitava na Câmara Municipal um projeto que almejava a proteção de vias com túneis verdes, para que não pudessem sofrer modificações. Publicada no caderno ZH Moinhos, a notícia intitulada de “Túnel verde preservado” informava que as vias indicadas para serem declaradas como áreas de uso especial tinham importância histórica, ambiental, cultural, turística e paisagística. No bairro Floresta, a Rua Paraíba foi indicada, enquanto a rua Gonçalo de Carvalho já era, inclusive, tombada como patrimônio ambiental de Porto Alegre, desde 2006 (TÚNEL, 2012).

A seção Região Metropolitana anunciou, uma semana depois, que o projeto havia sido aprovado. O vereador autor do projeto defendeu o caráter identitário da medida, para a Porto Alegre:

Há proteção vegetal em outras cidades do mundo, mas não com essa figura do túnel verde. Isso é uma coisa muito porto-alegrense. Porto Alegre pode chamar atenção dos seus turistas daqui para a frente dizendo que é a cidade das praças, dos parques e dos túneis verdes. É uma expressão que agora está também no mundo jurídico, não somente no imaginário coletivo. (MOESCH apud MAGS, 2012e).

O túnel verde da Rua Paraíba voltou a ser assunto no caderno ZH Moinhos em junho de 2012. A notícia “Patrimônio ambiental: a bela Rua Paraíba” trouxe o depoimento de dois moradores da rua que, apesar de contentes com o a declaração da rua como área de uso especial, esperavam que as melhorias fossem mais profundas do que apenas a manutenção da vegetação. Um dos moradores deu o seguinte depoimento:

A manutenção dos túneis verdes é o menor dos problemas. Essa rua já foi por vários anos considerada a mais bela de Porto Alegre e hoje, infelizmente, é dominada por lixo e prostituição (ROCHA apud PATRIMÔNIO, 2012).

Segundo o relato de outra moradora “Constatada a inexorável beleza da Rua Paraíba, falta, apenas, torná-la também um belo lugar, possível de ser visitado por

todos os porto-alegrenses [...] sem prostituição, uso de drogas, lixões, etc.” (LIMA apud PATRIMÔNIO, 2012).

Nas notícias desta temática, também foi marcante a participação de moradores do bairro e suas associações. Em junho de 2014 a capa do caderno ZH Moinhos estampou “Árvores são identificadas na Gonçalo de Carvalho”. A ação divulgada, de acordo com texto, foi resultado de uma parceria entre moradores, iniciativa privada e prefeitura (ÁRVORES, 2014).

Após a leitura das notícias que dizem respeito ao *patrimônio ambiental* do bairro Floresta, é evidente que a sua natureza é reconhecida como uma força a ser preservada e potencializada. Nas falas dos moradores, assim como do vereador citado, percebe-se a intenção da exploração dos túneis verdes como atrativo turístico. Este ideal, no entanto, parece ser atingível apenas com a requalificação da paisagem urbana que vai além dos elementos naturais, mas também do seu entorno social e edificado.

5.1.2 A evolução na proporção das temáticas abordadas

A ocorrência das notícias de cada categoria acima analisadas não se deu com frequência constante durante todo o período da pesquisa. A diferença na proporção das temáticas abordadas sobre o bairro Floresta, no jornal Zero Hora, ao longo dos anos, aponta mudanças no imaginário do local. O *gráfico 4* mostra, ano a ano, a proporção entre as notícias de cada tema.

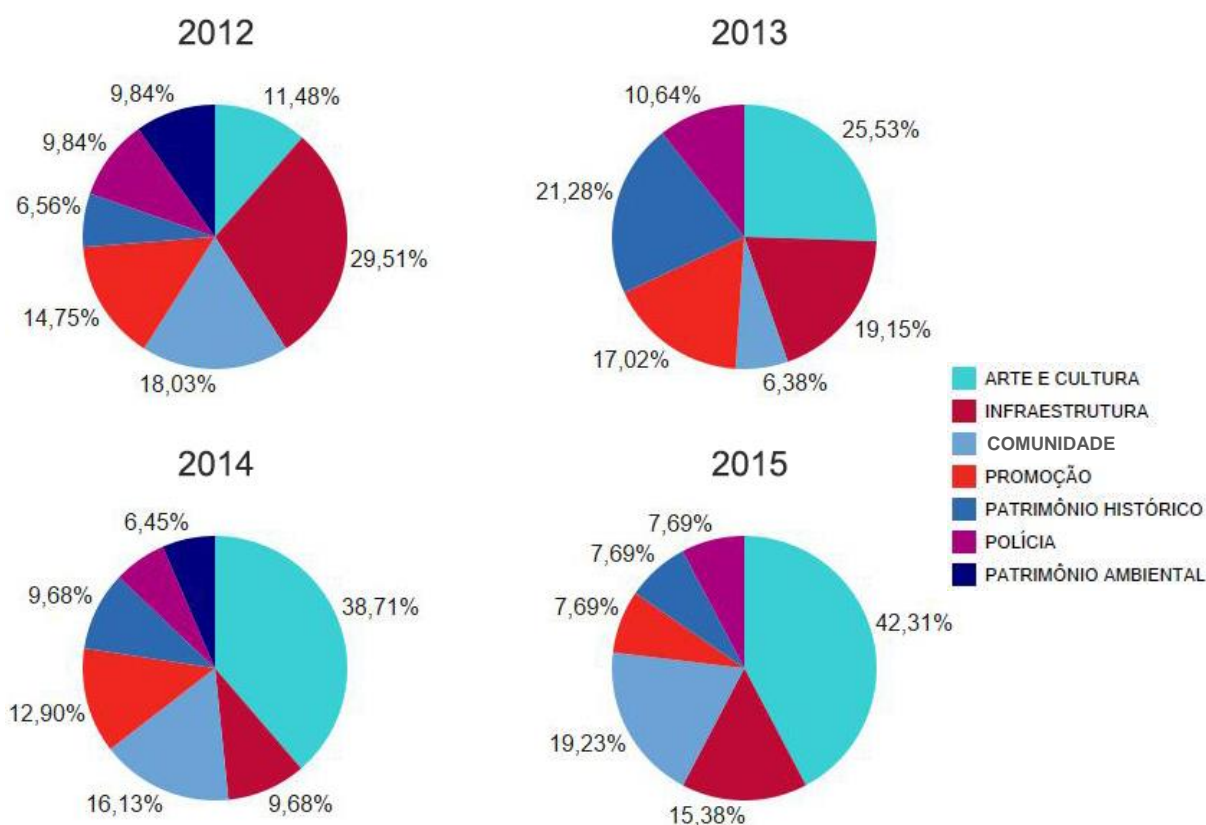


Gráfico 4 - A evolução das temáticas ano a ano.
Fonte: Realizado pela autora.

Como visto anteriormente, se considerarmos o total do período da pesquisa, o tema *arte e cultura* é o mais recorrente. No entanto, observando este gráfico, percebemos que nem sempre notícias relacionadas a esta temática foram a maioria, elas ganharam mais espaço no jornal com o passar do tempo.

Ao observar o conteúdo das notícias de *arte e cultura*, percebe-se que o aumento da frequência de assuntos do tema está relacionado com o surgimento e consolidação do Distrito Criativo e do Vila Flores. Por sua significativa importância, as notícias relacionadas a estes coletivos, considerados catalisadores na mudança do imaginário da região, serão aprofundadas a seguir.

A primeira vez que foi publicado algo sobre algum destes dois coletivos, foi em 26 de julho de 2012, no caderno ZH Moinhos. A Vila Flores foi o assunto da notícia “Casario pode virar centro de cultura” (CASARIO, 2012). Na ocasião, as primeiras ideias sobre o que viria a ser o espaço foram apresentadas. De acordo com o texto, o conjunto construído por Joseph Lutzemberger em 1928 pretendia ser o novo centro

cultural e de convivência da região, o que estaria de acordo com o zoneamento da cidade, feito pela prefeitura - que marcou a área como sendo de interesse cultural. A ideia apresentada pelo empreendedor João Wallig previa um uso misto para a edificação: habitação temporária, comércio, serviços e sede de programas culturais.

Estamos desenvolvendo um modelo para ocupar a estrutura comercial baseada na produção de coletivos, além de profissionais autônomos relacionados à economia criativa. Uma produção jovem dinâmica e digital. (...) Acreditamos que Porto Alegre tem uma produção jovem e criativa, que está um pouco desamparada de espaço e incentivo. A área (4º distrito) tem um grande potencial cultural, são potencialidades adormecidas – ou nem tanto – que queremos reunir no conjunto (WALLIG apud CASARIO, 2012).

Conforme o que foi publicado, muita coisa já havia sido feita. O edifício, que antes apresentava condições precárias de habitabilidade, foi desocupado para as primeiras reformas, que eram urgentes. Já haviam sido feitos reforços estruturais e o telhado estava reconstruído. O empreendedor aproveitou para divulgar que estava buscando investidores, patrocínios e subsídios do Estado para concluir a obra (CASARIO, 2012).

A seção Região Metropolitana, no dia seguinte apresentou os planos para a Vila Flores para toda a cidade: o mesmo texto utilizado no caderno ZH Moinhos foi sintetizado (MEDEIROS, 2012b).

Apenas no ano seguinte, em abril de 2013, o Vila Flores voltou a ser o assunto de uma das notícias filtradas na pesquisa. A matéria “Para valorizar o Floresta” foi capa do caderno ZH Moinhos e ocupou mais duas páginas do seu interior. Novamente foi apresentada a proposta para a ocupação do conjunto de edificações com uma multiplicidade de usos. De acordo com o que foi publicado, o projeto Vila Flores também buscava valorizar o patrimônio histórico e desenvolver uma das vocações do 4º distrito, a economia criativa (ROSA, 2013).

O valor histórico e arquitetônico da região foi enaltecido na matéria. Além de ter a história do arquiteto Joseph Lutzemberger e da Vila Flores foi apresentada. E também, de forma resumida, sob o subtítulo “Mescla de classes e arquitetura”, a história do 4º distrito, desde sua época de intenso desenvolvimento, quando era plurifuncional e recebia diversas classes e etnias, até a sua deterioração nos dias de hoje (ROSA, 2013).

Em depoimento, Carlos Alves, professor universitário e, na época, integrante do Conselho Nacional de Turismo, via o projeto como importante para a revitalização da região. Segundo ele, o Vila Flores deveria estimular que outros projetos levassem mais vida para o bairro. “A iniciativa é fantástica e foi encampada por batalhadores. Há várias pessoas que estão fazendo um trabalho voluntário de divulgação deste que poderá ser um ponto cultural de Porto Alegre.” (ALVES apud ROSA, 2013).

Na ocasião, foi apresentada uma das primeiras iniciativas do Vila Flores: o projeto Simultaneidade. O evento ocorreria no final daquele ano e reuniria artistas, produtores culturais e moradores em um final de semana com artes plásticas, oficinas culturais, projetos de sustentabilidade e espetáculos de teatro e música (ROSA, 2013).

Como ocorreu com a outra matéria sobre o Vila Flores, no dia seguinte, parte de seu texto e duas imagens foram publicadas na seção Região Metropolitana. O título da notícia foi “Bairro valorizado: revitalização no Floresta” (MAGS, 2013).

Em setembro de 2013, a revitalização do bairro Floresta e o Vila Flores foram assuntos na seção Informe Econômico. De acordo com a notícia, prédios históricos do Floresta seriam remodelados e receberiam empreendimentos de economia criativa. Foi apresentado como entusiasta da ideia, Jorge Piqué, que havia promovido uma caminhada com quarenta pessoas pelo bairro quando, segundo o texto “houve uma grande surpresa – no bom sentido, claro – com a quantidade de atividades econômicas que começa a florescer na região.” (HAMMES, 2013b).

No caderno ZH Moinhos a caminhada organizada por Piqué foi o assunto de um texto com o título “Passeio guiado pelo Floresta”, escrito por uma colaboradora do Caderno, moradora do bairro, em setembro de 2013 (KOLESNY, 2013). Inicialmente, foi tratado o assunto da revitalização da região. De acordo com a autora, o 4º distrito vinha sendo alvo de discussões em reuniões de moradores e pessoas criativas de várias áreas. Os encontros aconteciam no Nós Coworking. A maior parte do texto foi dedicada à caminhada que havia sido realizada:

Fica aqui registrada a minha intenção de passear pelo bairro em outras oportunidades, porque só assim ficarei sabendo da história da região que tão bem me acolheu, onde me sinto muito à vontade, e espero me sentir melhor ainda, à medida em que o mesmo volte a crescer, gerar empregos e rendas, dando oportunidade a outras pessoas de também conhecerem as entranhas do Floresta. (KOLESNY, 2013).

As atenções voltaram-se novamente para o Vila Flores, em outubro de 2013, quando o Projeto Simultaneidade foi apresentado com mais detalhes, na matéria de título “Muito além da restauração”, que ocupou a capa e uma página interna do caderno ZH Moinhos (BECK, 2013b). Conforme publicado, o projeto iria reunir 30 coletivos artísticos para realizar intervenções culturais no complexo multiuso, em dezembro daquele ano. A intenção era discutir a subutilização de espaços públicos, ao mesmo tempo em que fosse estreitada a relação do Coletivo com os moradores do bairro. De acordo com uma das responsáveis pelo projeto, ele era “uma provocação. As pessoas precisam desenvolver o sentimento de pertencimento para que percebam que elas fazem parte da construção e da transformação da cidade.” (BRAGA apud BECK, 2013b).

A coletividade era essencial para o sucesso do projeto, que seria financiado de maneira colaborativa através de um site de *crowdfunding*. O empreendedor João Wallig estava otimista: “Em Porto Alegre, o pessoal é muito pró-ativo com questões cívicas. As pessoas se envolvem em ações de menor importância[...], mas que têm grande poder de reflexão” (WALLIG apud BECK, 2013b).

Mais uma vez, o assunto foi colocado na seção Região Metropolitana, no dia seguinte. O texto, um pouco resumido, apresentava o projeto para todos os leitores do jornal (BECK, 2013c).

Quando ocorreu, o Projeto Simultaneidade foi notícia no caderno ZH Moinhos, sob o título “Uma declaração de amor pelo Vila Flores”. Antonia Wallig, umas das idealizadoras, relatou sobre o evento:

O Projeto Simultaneidade foi uma grande declaração de amor coletiva, pelo lugar, pela cidade. Muitas pessoas passaram pelo complexo arquitetônico Vila Flores, na São Carlos com a Hoffmann, nos dias 7 e 8 de dezembro, e demonstraram-se surpresas com todo o movimento que ali está sendo feito. (...)Foram mais de 50 pessoas envolvidas na montagem e preparação do Simultaneidade e certamente é por isso que ele foi tão importante para aqueles que passaram por lá. Era possível sentir a força de realização que moveu todos e a vontade de revitalização, não só do Vila Flores, mas também da cidade e das relações que nela acontecem. (WALLIG, 2013).

De acordo com o que foi publicado, o evento recebeu pessoas de toda a cidade e demonstrou o que o Vila Flores almejava ser. Também foi dito que a intenção era iniciar as reformas em 2014. Para atingir este objetivo, estava sendo montado um plano de financiamento e buscados apoiadores (WALLIG, 2013).

No início de 2014, o caderno ZH Moinhos fez uma matéria intitulada “Planos para 2014”, onde foram entrevistados representantes de algumas associações dos bairros que compunham este caderno. Quando perguntado sobre o que foi melhor para a região, em 2013, o representante da associação Refloresta respondeu:

O Projeto Simultaneidade no Vila Flores e a continuidade da proposta de revitalização do complexo arquitetônico e instalação de um espaço multicultural no local. Além disto destacamos o Distrito C – Distrito Criativo, envolvendo os bairros Floresta, São João, São Geraldo e Navegantes. O projeto é baseado nos conceitos de Economia Criativa, Economia do Conhecimento e da Experiência, com diversas reuniões, atividades culturais e caminhadas turísticas, formação de grupos de trabalho no NósCoworking, pensando e articulando melhorias urbanas e desenvolvimento econômico-cultural-social para o Quarto Distrito. (REFLORESTA apud PLANOS, 2014).

Considerados as melhores contribuições para a região em 2014, Vila Flores e Distrito Criativo também faziam parte dos projetos da associação para o novo ano. De acordo com a matéria, o apoio à consolidação destes coletivos era um de seus objetivos (PLANOS, 2014).

O Distrito Criativo foi destaque, pela primeira vez, em 6 de fevereiro de 2014. No caderno ZH Moinhos, a matéria “Criatividade e cidadania” apresentou o Coletivo, seus eixos de atuação e objetivos. De acordo com o que foi publicado, o Distrito Criativo contava, na época, com quarenta e quatro artistas. Foi noticiado que a intenção do grupo não era apenas recuperar a história local, mas desenvolver o espaço urbano e torná-lo um mercado ativo de economia criativa, do conhecimento e da experiência, em cinco anos. Sobre o projeto, o texto dizia que “a ideia é que se forme um senso de identificação entre os moradores com a região a ponto de intervir na realidade dela, e não apenas reivindicar e aguardar a solução por parte dos governantes.” (BECK, 2014c).

A matéria, que foi capa do Caderno, nas duas páginas internas que também ocupou, explicou com detalhes os cinco eixos de atuação do Distrito C: revitalização urbana, inclusão social, design de território, integração e formação e turismo criativo. Também foram explicados os conceitos de economia criativa, do conhecimento e da experiência (BECK, 2014c).

Em maio de 2014 na capa do caderno ZH Moinhos, foi estampada a foto de uma praça vazia e escura, com o título “Para revigorar o Floresta”. A matéria, que seguia em mais uma página no interior do caderno, apontava como maiores problemas do bairro a falta de ocupação dos espaços, de segurança e de iluminação,

além de tráfico de drogas e prostituição. Na contramão destes problemas, foram apresentadas algumas iniciativas de moradores e empresários em prol do bairro (TIEZE, 2014).

O Distrito Criativo, nesta ocasião com sessenta artistas e empreendedores, foi apontado como um dos incentivadores da revitalização da região:

Às vezes parece que o Floresta se recolheu e, sob falsa proteção que muros, grades e venezianas proporcionam, os moradores esperam que a vida siga seu fluxo. É contra esse conveniente comportamento que o projeto Distrito Criativo, capitaneado pela empresa UrbsNova, busca desenvolver a comunidade a partir da soma de três tipos de economia: criativa (como ateliês e galerias de arte), do conhecimento (escolas e faculdades) e de experiência (gastronomia e hotelaria). O Distrito Criativo engloba espaço entre a Rua Félix da Cunha e o Shopping Total, e as avenidas Cristóvão Colombo e Farrapos. (TIEZE, 2014).

O idealizador do projeto, Jorge Piqué, contou que estava organizando o Passeio das Artes, com visitas a galerias, ateliês de artistas e antiquários da região – a ideia era atrair mais visitantes. A rota faria também com que as pessoas conhecessem o patrimônio histórico do lugar que, segundo Piqué (apud TIEZE, 2014), “tem um clima de cidade antiga, do interior”.

O passado do 4º distrito foi descrito nesta matéria. De acordo com o texto, o bairro Floresta foi um polo comercial e cultural até a década de 1970, com grandes cinemas, restaurantes e cafés (TIEZE, 2014).

A abertura oficial do Passeio das Artes foi divulgada no mesmo Caderno, em junho de 2014, na nota “Visita guiada pelo Floresta”. O primeiro passeio aconteceria no sábado seguinte, gratuitamente (VISITA, 2014).

A primeira matéria relacionada aos coletivos, fora do caderno ZH Moinhos e de maior porte, foi publicada naquele mês de junho de 2014, no Segundo Caderno. A capa do Caderno apresentou uma grande foto do Vila Flores, com o título “Floresta das Artes: movimento de artistas que vivem e atuam no bairro Floresta promove a redescoberta do bairro como um novo centro criativo” (PIFFERO, 2014). Nas duas páginas centrais, sob o título “Distrito cultural”, a revalorização do bairro foi explicada com mais detalhes. O texto dizia: “A rua São Carlos, ladeada por casas antigas e árvores, está inserida numa área do bairro Floresta que parece ter sofrido uma espécie de colonização artística e agora desperta para ser potencial cultural” (PIFFERO, 2014). Esta ideia foi reforçada com o depoimento de um poeta residente no bairro que

disse conhecer, ao menos, cinco vizinhos artistas. Ele contou que as mesmas características que o atraíram para o bairro, seduziram dezenas de outros artistas.

A articulação entre os moradores e artistas locais, de acordo com a matéria, era ampliada pelo Distrito Criativo, que articula o diálogo e mostra que as pessoas têm afinidades e interesses comuns. Marga Pasquali, proprietária da galeria Bolsa de Arte colocou, na matéria, que o local ainda era desvalorizado. Mas tinha tudo para ser um dos melhores lugares da cidade: boa localização, fácil acesso, plano e tranquilo. Segundo ela, o problema era a falta de segurança, mas acreditava que isto havia em todos os locais da cidade (PIFFERO, 2014).

Esta galerista aposta na vocação do bairro Floresta para tornar-se um reduto boêmio e artístico como a Vila Madalena, em São Paulo. Ela comentou que o bairro paulista foi revitalizado a partir da ocupação por artistas e estudantes, o que acreditava estar começando a se concretizar na região do 4º distrito. Outro exemplo citado na matéria foi a revitalização de bairros industriais como em Nova Iorque (PIFFERO, 2014).

Conforme matéria, a transformação da região em polo criativo passa pelo renascimento da Vila Flores. A gestora cultural do espaço, Aline Bueno, disse que juntaram-se pessoas bem diversas na ocupação: arquitetos, produtores culturais, designer gráficos, etc. Segundo Bueno, para atrair o público, é preciso enfrentar o estigma do Floresta como área de tráfico de drogas e prostituição (BUENO apud PIFFERO, 2014).

O 4º distrito, como um todo, foi objeto de uma grande matéria publicada em novembro de 2014. Na seção Sua Vida e intitulada “Em busca de um norte”, em cinco páginas trouxe fatos históricos da região, depoimentos de antigos moradores e problemas contemporâneos, além de apresentar algumas iniciativas que buscam a revitalização da região (FELIN, 2014).

De acordo com a matéria, a revitalização está em pauta em diversos setores: na prefeitura, nos meios acadêmicos, entre agentes da especulação imobiliária e entusiastas do patrimônio histórico. Todos concordam que é uma área com grande potencial, mas que está pouco ocupada, falta gente. No entanto, há discordância sobre o que deve ser feito para sua recuperação (FELIN, 2014).

A atuação de grandes construtoras foi exemplificada com o renascimento da fábrica Fiateci, que recebe um shopping e torres comerciais e residenciais. De acordo com o autor,

As alternativas para as edificações históricas dividem arquitetos. De um lado, os que não veem a simples densificação do bairro para torná-lo mais vivo. De outro, os que enxergam – incluindo o Poder Executivo – um sopro de esperança para um futuro renascimento. (FELIN, 2014).

A matéria apresentou também decisões tomadas pela prefeitura, como a Lei Complementar ao PPDUA de 1999, de 2012, que destacou o bairro como área de revitalização. O problema, segundo divulgou o texto, é que não há um plano específico para a região, o que traz insegurança jurídica para os proprietários (FELIN, 2014).

Mais uma vez, o exemplo de Nova Iorque foi trazido como inspiração para o que pode ocorrer na região. Foi dito que a cidade americana lidou com o mesmo desafio e transformou os grandes galpões industriais e *lofts* residenciais. Estes espaços foram inicialmente ocupados por artistas, que consolidaram a nova identidade a bairros como Tribeca e Soho (FELIN, 2014).

Com fotos e depoimentos, foi trazida a realidade do lugar que mistura riqueza histórica, natural e arquitetônica, com degradação. Como é o caso da rua Paraíba:

Uma das ruas clássicas do Quarto Distrito, a Paraíba, ostenta um túnel verde dos mais bonitos da cidade, mas é reflexo da degradação causada pelo acúmulo de lixo dos serviços de reciclagem da região. Também se tornou um ponto de prostituição e venda de drogas, segundo moradores. (FELIN, 2014).

A economia criativa foi apontada como a esperança para o 4º distrito, opinião, segundo a matéria, compartilhada pela sociedade e prefeitura. Foi colocado que “a região do bairro Floresta está fervendo.” (FELIN, 2014). E que o Distrito Criativo, na época já com sessenta e sete participantes, colaborava para a recuperação do bairro com princípios como convivência, cooperação e sinergia (FELIN, 2014).

Para Carlos Silveira, proprietário do Porto Alegre Hostel Boutique, o mérito do lugar está centrado nas pessoas, que com uma atmosfera artística, formam um grupo que sonha. De acordo com o empresário, por mais que todos estivessem interessados no crescimento da região do ponto de vista humano, também colaboravam para valorizar seus negócios e imóveis. Ele contou como sente a revitalização:

Eu hospedei aqui mais de 20mil pessoas em quase três anos. Sempre convido todos a conhecer o bairro e eles voltam encantados. E eu sinto que pessoas de outros lugares já nos olham. Nas reuniões de bairro de outras regiões, todos estão dizendo que somos a bola da vez. Eu ainda acho que

falta muita coisa, mas isso já dá uma satisfação muito grande. (SILVEIRA apud FELIN, 2014)

O Vila Flores também foi apresentado como um dos centros transformadores do bairro Floresta. Lucas Piccoli, um dos arquitetos do coletivo deu um depoimento: “Há uma sobreposição de discurso aqui. Antes o bairro era conhecido apenas pela prostituição, pelo lado obscuro da sociedade, hoje também pela arte. Mas a arte é um tempero. O que confere urbanidade são as pessoas usando o espaço público” (PICCOLI apud FELIN, 2014).

Já em janeiro de 2015, a coluna Perfil do caderno Donna trouxe uma foto do Vila Flores, com o título “Falar de Flores”. De acordo com o que foi anunciado na ocasião, o coletivo é uma espécie de “shopping cultural”. A colunista também divulgou cursos e atividades que aconteceriam no local e afirmou que o Coletivo vem ascendendo na cena cultural gaúcha (ALVES, 2015).

Em abril de 2015, no caderno Sua Vida, uma manchete anunciou: “Poa no mapa da economia criativa”. Esta matéria trouxe os dados de uma pesquisa realizada pela Fecomércio – SP. Conforme a pesquisa, Porto Alegre está no pódio das capitais mais criativas do país, apenas atrás de São Paulo (POA, 2015).

A matéria trouxe uma noção do que seria a chamada economia criativa:

Economia criativa é um conceito a princípio abstrato para os que não são íntimos. A Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) cunhou o termo em 2008 – trata-se da interface entre cultura, economia e tecnologia para criar, produzir e distribuir bens e serviços sob dois alicerces principais: a criatividade e o capital intelectual. (POA, 2015).

Um dos exemplos de economia criativa, trazidos na ocasião, foi o Vila Flores. Foi relatada a mistura de atividades no Coletivo, que conforma um “ecossistema colaborativo”. Conforme relatou a gestora cultural do lugar, Aline Bueno, há uma lista de espera de cinquenta pessoas para ocupar seus espaços, o que comprova o interesse das pessoas em participarem deste tipo de experiências. Exemplos como este evidenciam o potencial da Capital para se tornar, definitivamente, um polo de economia criativa (POA, 2015).

Por fim, no último dia compreendido no período analisado, 23 de maio de 2015, foi publicada, na seção Cultura, uma matéria sobre atividades culturais gratuitas em Porto Alegre. O Passeio das Artes foi incluído, recebendo destaque com foto. Eventos

realizados pelo grupo teatral Ato Espelhado, um dos ocupantes do Vila Flores, também foram divulgados (BRIGATTI, 2015).

A análise das notícias relacionadas ao Vila Flores e ao Distrito Criativo mostra o crescimento e a consolidação destes catalisadores da mudança no imaginário urbano sobre o bairro Floresta. Ambos os projetos estão relacionados com a revitalização que diversos setores da sociedade esperam que ocorra no 4º distrito como um todo.

Os dois Coletivos ganham força a medida em que também apoiam iniciativas menores e contribuem para configurar uma nova imagem para o bairro, tanto para quem o vê de fora, quanto para quem participa no seu cotidiano. Os participantes desta nova classe criativa passam a conhecer o entorno no qual estão inseridos e se reconhecem naquilo que veem e idealizam.

5.2 Os coletivos e as notícias

Para entender melhor a relação entre as notícias nos meios de comunicação e as práticas dos coletivos do bairro, foi realizada, em 26 de maio de 2015, uma entrevista com o idealizador do Distrito Criativo, o professor Jorge Piqué. O entrevistado contou como se dá a divulgação do Coletivo na imprensa - foi relatada a forma como os acontecimentos tornam-se notícia, no jornal. Também tratou da importância da divulgação dos empreendimentos para a construção da imagem que os participantes têm de si, assim como da imagem do bairro para a cidade como um todo (PIQUÉ, 2015).

Segundo Piqué, no princípio do Coletivo, a principal imagem que se tinha das ruas do bairro Floresta, em especial da rua São Carlos, que hoje abriga o Vila Flores e o Porto Alegre Hostel Boutique, por exemplo, era de um local de prostituição. Esta imagem era também a transmitida pelos meios de comunicação em massa. Hoje, embora algumas iniciativas maiores, como o Vila Flores apareçam muito na mídia, para que haja um impacto maior, territorial, é necessário que aconteçam muitas iniciativas, mesmo menores, por toda a região (PIQUÉ, 2015).

A ideia é: quanto mais gente, mais público. Assim, o Coletivo chama mais a atenção dos veículos de comunicação. O número de participantes do Distrito Criativo vem crescendo com velocidade, hoje são oitenta participantes e cerca de quinhentos empregos envolvidos, direta e indiretamente. A ideia é criar uma identidade

reconhecida pelos moradores de outras partes da cidade, que venham a frequentar a região interessados em um nicho específico. Assim como hoje a Cidade Baixa de Porto Alegre é reconhecida como uma zona de boemia e a rua Padre Chagas como local de bares e restaurantes mais sofisticados, a intenção é que o Distrito Criativo seja reconhecido como um lugar de arte, cultura e iniciativas mais alternativas (PIQUÉ, 2015).

É interessante destacar que os participantes têm uma imagem ideal que pretendem atingir. Eles têm a intenção de tornar-se um bairro “cool, tipo o Soho de Nova Iorque” (PIQUÉ, 2015). No entanto, Piqué acredita que o imaginário dos participantes a respeito de si mesmos já vem mudando. Ele contou que algumas pessoas, quando convidadas a participar do Distrito Criativo, entravam um pouco receosas, baseadas em tentativas frustradas de mudança para a região. Esta desconfiança na nova ideia, de acordo com Piqué, tinha fundamento. Ele acredita que a mídia sempre publica reportagens sobre projetos fantásticos para a cidade, geralmente iniciativas do governo, que dificilmente saem do papel. A esperança que os projetos concretizem-se, seguida por frustrações, foi construindo, sistematicamente, a crença dos cidadãos de que as ideias não vão funcionar (PIQUÉ, 2015).

Por este motivo, o Distrito Criativo não chama a mídia para divulgar suas ações. A divulgação dos acontecimentos que envolvem o Coletivo em jornais, parte dos veículos, que ficam sabendo das iniciativas por outros meios. Desde o início as redes sociais online foram muito utilizadas pelo idealizador do projeto. Um exemplo é o Passeio das Artes: a experiência é interessante tanto por quem acolhe a visita, quanto para os visitantes. As fotografias tiradas na ocasião, por ambos os lados, geram um marketing espontâneo na internet. Desta maneira, são atingidas cada vez mais pessoas, que não conheciam o projeto (PIQUÉ, 2015).

O primeiro contato de um jornal com Jorge Piqué, foi feito pela editoria do caderno ZH Moinhos. Segundo o professor, os cadernos de bairro do jornal Zero Hora tinham um olhar diferenciado sobre a cidade. Foi a partir da divulgação de iniciativas do Distrito Criativo no Facebook, que a editoria do Caderno se interessou e fez contato com o idealizador do projeto (PIQUÉ, 2015).

Mas, para Piqué, a comunicação é “um processo estranho”. Por exemplo, quando ainda muito pouco havia sido feito, foi realizada uma matéria com uma foto enorme, no jornal. Em outra ocasião, uma das caminhadas do Passeio das Artes, muito bem sucedida e um grande trabalho, não foi mencionada em nenhuma publicação. Piqué acredita que a divulgação ou não dos acontecimentos depende do que está acontecendo na cidade, do que é notícia no momento e se há espaço no jornal (PIQUÉ, 2015).

A visibilidade do Distrito Criativo nos meios de comunicação atrai novos negócios para o local. Para os artistas e empreendimentos já instalados na região, também é importante o reconhecimento na mídia. Piqué contou que em alguns casos de negócios que enfrentam dificuldades, a existência do Coletivo traz a esperança de mudança. Cada vez que sai no jornal alguma notícia sobre a economia criativa local ou sobre o Distrito Criativo, é causada a sensação de que algo realmente está acontecendo (PIQUÉ, 2015).

O engajamento dos participantes com o projeto também tem relação com a divulgação do Coletivo na mídia, conforme coloca Piqué:

A mídia é importante. O participante se vê na mídia. Se ele vê que a mídia dá atenção ao Distrito Criativo, ele pensa que isto é importante. ‘E eu faço parte disto’. A ideia é que se faça coisas legais, que sejam realmente legais para quem vem aqui. E então se reflita naturalmente, que haja um retorno sobre os participantes. Para que sintam que tem algo nascendo que precisa da ajuda de cada um. (PIQUÉ, 2015).

Por este motivo, o idealizador contou que sempre que pode, divulga o nome dos participantes. Há um esforço para se falar mais de cada um dos artistas e empreendimentos do que do Distrito Criativo em si e da UrbsNova. No caso da matéria “É tudo grátis”, comentada na parte anterior deste capítulo, por exemplo, foi feito o contato do jornal com Piqué, buscando saber se havia atividades gratuitas no Distrito Criativo. Os participantes foram informados por e-mail e o grupo de teatro Ato Espelhado enviou informações de dois eventos seus, que foram divulgados no jornal. Para o grupo, foi muito importante o reconhecimento na matéria, pois, por seu tamanho reduzido, pouco aparece para a cidade em geral (PIQUÉ, 2015).

Os interesses coletivos e individuais devem estar alinhados no Distrito Criativo, diz Piqué. Para os participantes, é importante sentirem que, além de suas iniciativas serem boas para o grupo todo e para a região, elas trazem retorno para si mesmos,

de alguma maneira específica. A divulgação em jornais é um exemplo de retorno positivo para cada empreendimento (PIQUÉ, 2015).

A conversa com o criador do Distrito Criativo deixou clara a importância dos meios de comunicação para a construção do imaginário que os participantes do Coletivo têm de si e do grupo. A presença na mídia garante, para os artistas e empreendedores, que o seu trabalho está sendo reconhecido e, por este motivo, tem valor.

5.3 O imaginário urbano e o objeto analisado

Para a conclusão desta análise, serão retomadas as ideias sobre o imaginário urbano, apresentadas no capítulo dois deste trabalho. As teorias dos autores estudados serão aplicadas à realidade encontrada no objeto desta pesquisa: o 4º distrito, sua história e o que se fala e se escreve sobre ele.

Compreendendo o imaginário como um reservatório/motor, ideia trazida por Silva (2003), é possível buscar entender o que enche este reservatório e quais ações são impulsionadas pelo motor. No caso da realidade do 4º distrito, em especial do bairro Floresta, a partir da entrevista realizada com Jorge Piqué, percebemos que o imaginário da classe cultural existente no local é alimentado por tudo o que se divulga sobre ela.

Quando o jornal publica as ações dos participantes do Distrito Criativo, estes percebem mudanças reais na sua realidade. Cada vez que se veem no jornal, é reestabelecida a confiança no seu trabalho e no trabalho do Coletivo o qual fazem parte. Tudo o que se fala a respeito da região que ocupam, desde problemas a qualidades, conformam a imagem que estes artistas e empreendedores têm do lugar e também de si.

A resposta a esta imagem vem em forma de maior engajamento com as atividades e com seus vizinhos. Os aspectos negativos, ainda presentes no imaginário local, como a prostituição e problemas com a coleta de lixo, quando encarados de maneira coletiva, apresentam-se como desafios a serem superados. Foram publicadas, no período na pesquisa no jornal, diversas vitórias dos moradores em prol do bairro. Por exemplo, quando o protesto de moradores fez com que fosse instalada uma lombada eletrônica na Avenida Voluntários da Pátria (OLHO, 2012) ou quando as reivindicações da população local fizeram com que a prefeitura mobilizasse um

mutirão de diversos departamentos da cidade para realizar melhorias no bairro Floresta (ALVES, 2013). A divulgação de conquistas deste tipo fazem crer que podem ocorrer progressos em outras áreas também.

Também podemos pensar no imaginário de quem não vive no bairro. A grande quantidade de matérias relacionadas ao êxito da economia criativa em Porto Alegre, em especial no 4º distrito, constrói a imagem de um local propício para investimentos deste tipo. Conforme coloca Canclini (2008), há zonas da cidade que, por alguns habitantes, são alcançadas apenas através do imaginário. As referências subjetivas, no caso a imagem sobre o bairro conformada pelas notícias do jornal, são fundamentais para que sejam tomadas decisões no mundo objetivo. No caso do 4º Distrito ou do Distrito Criativo, isto acontece quando, após ouvir falar do que está ocorrendo na região, novos empreendedores são atraídos para lá.

Sandra Pesavento (1999) afirma que, quando as representações são compartilhadas, têm a capacidade de criar o real e, inclusive, superá-lo. Mais uma vez as notícias publicadas no jornal têm uma função fundamental: a de transmitir a imagem de um determinado lugar a muitas pessoas. É perceptível que cada vez mais as matérias relacionadas a cultura e à arte na região do bairro Floresta ganham espaço e aumentam a sua frequência no jornal Zero Hora.

A imagem de um 'distrito cultural' passa a ser compartilhada tanto por quem vive no bairro, quanto por outros leitores do jornal. No caso do Distrito Criativo, por exemplo, ainda há muito a ser feito. Se comparamos os eixos de atuação propostos pelo Coletivo e seus objetivos, percebemos que há várias áreas onde a ideia não avançou ainda. No entanto, a série de divulgações de ações bem sucedidas, constroem apenas a imagem de um trabalho de sucesso, através do que já foi conquistado.

A realidade construída dentro de cada um a partir dos estímulos exteriores e de sua cultura anterior é aquela que condiciona o uso dos espaços (PESAVENTO, 1999). No caso do 4º distrito é possível identificar dois níveis de realidades anteriores: a mais antiga, quando a região se desenvolveu e havia um grande movimento social e cultural, e outra mais próxima temporalmente, que remete ao esvaziamento e à degradação dos espaços. Os estímulos atuais, observados na

pesquisa no jornal, ancoram-se na cultura mais antiga para efetivamente trazerem novos usos para o local.

Em complemento a esta ideia, há também a noção de que o imaginário é um jogo de forças entre as diversas realidades possíveis. A recepção e a reprodução de ideias e imagens é feita de forma seletiva e corresponde a necessidades, respondendo a uma forma de vida e de consumo (PESAVENTO, 1999). Isso significa que deve ser destacado, para a formação do imaginário urbano coletivo, o que é mais conveniente para a sociedade local contemporânea. Neste caso, é interessante observar que, dentro da pesquisa realizada, há muito mais destaque a aspectos positivos do bairro Floresta, do que relatos de casos de violências e problemas urbanos.

O papel dos meios de comunicação é destacado também por Armando Silva (2011), uma vez que as pessoas buscam relações entre o que já sabem e o que percebem no ambiente. As pessoas sabem o que lhes é contado através de notícias no jornal e, quando deparam-se com a realidade sobre a qual antes tinham apenas o imaginário, procuram fazer associações entre o que percebem e a expectativa que tinham. Isso significa que é mais fácil que determinado aspecto da cidade seja percebido quando o indivíduo sabe da sua existência.

Desta forma, o valor histórico e arquitetônico presente nas ruas do 4º distrito torna-se muito mais significativo quando se conhece a história do lugar e a sociedade que ali existiu. Isso significa, também, que apenas conhecendo o passado da região percebe-se a necessidade de preservação dos imóveis que ali restaram. O jornal Zero Hora cumpre este papel quando, ao noticiar os eventos culturais que ocorrem na região, faz uma retomada das funções e vida social que ali existiram.

Na notícia “Casario pode virar centro de cultura”, publicada em 2012, no caderno ZH Moinhos, por exemplo, foi contada a história do arquiteto Joseph Lutzemberger e enfatizada sua importância na época (CASARIO, 2012). A matéria “Em busca de um norte”, publicada no caderno Sua Vida, antes de apresentar as iniciativas para transformação da região, valorizou o seu passado. Além de fotos históricas, foram também coletados depoimentos de antigos moradores do bairro (FELIN, 2014).

O uso que se faz dos espaços também é determinante para a construção do imaginário. Lucrécia Ferrara (1988) acredita que a seleção de uso dos espaços urbanos é a única forma de explicitar o significado existente no ambiente real construído. Se pensarmos nas áreas esvaziadas do 4º distrito, que hoje são ocupadas por setores marginais da sociedade, a interpretação possível é a de um ambiente sem valor, decadente e perigoso.

Quando as edificações da Vila Flores foram reocupadas e novos usos foram ali instalados, uma outra leitura tornou-se possível. O novo reconhecimento do ambiente permitiu, por exemplo, a leitura da microlinguagem da arquitetura do lugar. Um novo imaginário começou a ser construído, em oposição àquele ligado à degradação, baseado no seu valor histórico e das novas dinâmicas que lá passaram a ocorrer.

É possível identificar nas notícias aqui analisadas três níveis de imaginário urbano sobre o bairro Floresta. Há um imaginário ancorado na história da região, que seguidas vezes é recontada e está representada no patrimônio arquitetônico presente no local. Outro imaginário é contemporâneo, ele percebe os problemas locais, como a degradação dos espaços públicos, problemas de infraestrutura e prostituição. No entanto, em diversas ocasiões é enaltecida a coletividade existente entre seus moradores, seja ao realizar eventos de vizinhança ou ao lutar por melhorias urbanas. É interessante lembrar que este aspecto de solidariedade e engajamento tem raízes na história do distrito industrial, local de miscigenação social e funcional. O terceiro nível de imaginário é aquele almejado, o ideal buscado pelos moradores e empreendedores da região. Em várias ocasiões foram citados exemplos do que o bairro espera ser um dia, como o Soho, em Nova Iorque, ou no caso da Rua São Carlos, a Espanhola Way, em Miami.

Também, a ideia da cartografia simbólica, proposta por Armando Silva (2011) pode ser aplicada a conformação desta nova realidade cultural que surge no 4º distrito. Os croquis imaginários são baseados na relação do cidadão com a cidade e alimentados pela mídia. Desta maneira, surge, na região estudada, uma nova noção espacial. Há um descolamento da área já ocupada pelo Distrito Criativo, que passa a receber usos distintos àqueles de outras partes do antigo distrito industrial. Perde-se, neste momento, a noção do todo do 4º Distrito e percebe-se um território diferenciado dentro dele.

A análise e o estudo do imaginário urbano nos mostram que o uso e o imaginário se retroalimentam. Ao mesmo tempo em que o uso é o índice de uma imagem, ele também a transforma. Ou seja, o uso que se faz dos espaços é resultado do imaginário que se tem da cidade e, ao se apropriar desta realidade objetiva, uma nova leitura é possível. No caso estudado, o uso do 4º distrito como área criativa consolida sua imagem como lugar de arte e cultura e, esta nova imagem proporciona novos usos relacionados à ela. A mídia, ao noticiar as mudanças emergentes na região, assegura aos agentes desta transformação que ela está, de fato, acontecendo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia aplicada na pesquisa deste trabalho resultou na confirmação da hipótese de que a relação dos habitantes de Porto Alegre com o 4º distrito é impulsionada pelo imaginário urbano existente sobre este lugar. Por este motivo, se há a intenção de uma transformação nesta relação a fim de proporcionar a requalificação da antiga zona industrial da cidade, torna-se necessária também a mudança do imaginário que se tem dela. Durante as etapas da pesquisa, no entanto, foram revelados diversos aspectos que conformam o imaginário existente hoje.

A pesquisa bibliográfica sobre o imaginário urbano trouxe o embasamento teórico que definiu o enquadramento das informações coletadas na pesquisa. O estudo dos autores escolhidos ressaltou a importância das narrativas sobre os lugares para a conformação do imaginário urbano.

A abordagem histórica, apresentada por Pesavento (1999), destaca a força da palavra e da imagem na formação do imaginário urbano. Desta maneira, a aproximação ao imaginário sobre uma cidade pode ser feita através da justaposição dos discursos sobre ela. A pesquisa documental revelou, em depoimentos, notícias e fotografias, diferentes visões sobre o objeto analisado, que proporcionou a composição de uma nova imagem sobre ele. Um exemplo são as matérias que trataram da Rua Paraíba: enquanto uma valorizou a beleza da rua e trouxe ideias de políticos envolvidos com a sua preservação (MAGS, 2012e), a outra apresentou depoimentos de moradores, que apontaram alguns aspectos negativos da rua em questão (PATRIMÔNIO, 2012).

As ideias de Canclini (2008) apresentadas apontam a participação dos meios de comunicação como formadores do imaginário, na sociedade contemporânea. O autor relata como a desconexão causada pelo crescimento territorial da cidade aumentou o peso das narrativas trazidas em jornais, rádio e televisão na construção do imaginário urbano. Isto se deve ao poder destes meios de informar o que acontece em locais não acessados fisicamente pelos cidadãos que, a partir do que lhes é contado, formam suas imagens.

Na abordagem semiótica trazida por Ferrara (1988) e Silva (2011) é ressaltado o uso como fator determinante para o imaginário urbano. Para ambos os autores, é apenas através do uso que é possível fazer a leitura simbólica do ambiente construído.

No processo de recepção da mensagem através do uso, Silva (2011) reconhece o papel da informação trazida pelos meios de comunicação.

O terceiro capítulo apresentou a história do 4º distrito. Este levantamento histórico possibilitou o reconhecimento de algumas características que foram significativas na sociedade que o ocupou. As indústrias que ali existiram atraíram imigrantes de diversos locais e a miscigenação de culturas e classes sociais resultou em uma identidade própria para região industrial, distinta daquela dos moradores do centro da cidade.

A pesquisa bibliográfica também apontou como o principal motivo para a decadência do 4º distrito, o zoneamento da cidade proposto pelo primeiro Plano Diretor de Porto Alegre, em 1959. A transformação da região em zona predominantemente industrial esvaziou suas ruas, o que gerou insegurança no local. Foi interessante observar, nas notícias analisadas na pesquisa, que o processo de requalificação da região busca, primordialmente, converter essa situação através de iniciativas de valorização e ocupação dos espaços vazios.

O conhecimento dos projetos de requalificação do 4º distrito, especialmente do bairro Floresta, revelou que a transformação da região está ligada aos campos da criatividade e da cultura. Os coletivos Vila Flores e Distrito Criativo estão levando uma nova vitalidade à região. Com princípios da economia criativa, os projetos apresentados envolvem a comunidade local com atividades cooperativas em prol da região e das pessoas que ali convivem.

A pesquisa documental e a entrevista realizadas, contribuíram para o desenho do imaginário sobre o 4º distrito, especificamente sobre o bairro Floresta, escolhido pelo fato de as iniciativas apresentadas no capítulo 4 estarem ali localizadas.

A categorização das notícias filtradas na pesquisa destacou os assuntos mais recorrentes no jornal quando se fala sobre bairro. No contexto apreciado, aquelas notícias que diziam respeito a acontecimentos relacionados a arte e cultura foram a maioria. Este fato deu indícios de que a imagem do bairro está relacionada a estes assuntos.

Quando as temáticas foram relacionadas ano a ano, percebeu-se que está ocorrendo uma mudança nas proporções em que cada uma é divulgada no jornal. O

crescimento da temática arte e cultura foi significativo ao longo dos anos da pesquisa. Este fato indica uma mudança no imaginário que é construído pelo jornal Zero Hora, sobre o bairro Floresta.

A análise mais aprofundada das notícias relacionadas a arte e cultura revelou que o aumento de suas ocorrências se deu a partir do início das atividades dos dois coletivos Vila Flores e o Distrito Criativo, o que indica que estes têm função de catalisadores na transformação do imaginário do lugar.

A entrevista realizada com Jorge Piqué, o idealizador do Distrito Criativo, possibilitou a justaposição da sua narrativa sobre o 4º distrito com a análise da pesquisa documental. Foram importantes, para este trabalho, as informações trazidas pelo entrevistado sobre como se dá a relação da mídia com a imagem que os moradores e empreendedores do bairro Floresta têm de si e do lugar.

O processo metodológico deste trabalho revelou interessantes relações entre o imaginário e o uso da região do 4º distrito, mais especificamente do bairro Floresta. Para a comunicação social, fica clara a participação da mídia na construção do imaginário e, por este motivo, na consolidação de práticas urbanas.

Foi perceptível que já ocorre uma transformação no imaginário sobre o 4º distrito. Até então ancorado no passado, tomando como referência os anos do apogeu da região, o imaginário agora projeta-se para o futuro. Impulsionando novos usos, a imagem construída, com o apoio dos meios de comunicação, tem papel fundamental para a concretização da realidade idealizada.

No âmbito pessoal, este trabalho foi muito gratificante por relacionar duas áreas que me encantam: a comunicação e o urbanismo. Conhecer um pouco melhor a relação entre elas me traz novas perspectivas para atuar em benefício da cidade e das pessoas.

REFERÊNCIAS

101 lugares para conhecer em Porto Alegre. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 nov. 2013. [Donna].

A região da longevidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 01 nov. 2012. [ZH Moinhos].

ALVES, Carlos Augusto. A revitalização do bairro Floresta: hoje tem reunião dos moradores do Floresta. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 05 jul. 2012. [ZH Moinhos].

ALVES, Carlos Augusto. Ação colaborativa no bairro Floresta. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 6, 22 ago. 2013. [ZH Moinhos].

ALVES, Júlia. Falar de Flores. **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 jan. 2015. [Donna].

ALVES, Lauro. **Fotografia**. [Figura 3]. Disponível em: <
<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2014/11/quarto-distrito-espera-ha-pelo-menos-30-anos-por-uma-revitalizacao-4643635.html>> Acesso em: 17 de jun. 2015.
[recurso eletrônico]

APAGÃO deixa 40 mil sem luz na Capital. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 37, 04 nov. 2013.

ÁREA de lazer: áreas adotadas e preservadas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 7, 03 maio 2012. [ZH Moinhos].

ARTE itinerante: Walking Gallery passeia pelo Distrito Criativo. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 6, 20 mar. 2014. [ZH Moinhos].

ÁRVORES são identificadas na rua Gonçalo de Carvalho. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 12 jun. 2014. [ZH Moinhos].

AZAMBUJA, Roberto. Fora de ação: bando roubou 150 carros de luxo em seis meses. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 34, 08 jun 2013.

BECK, Matheus. Criatividade e cidadania. **Zero Hora**, Porto Alegre, 06 fev. 2014c. [ZH Moinhos].

BECK, Matheus. Estudantes vão projetar o 4º Distrito Ideal. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 10 abr. 2014a. [ZH Moinhos].

BECK, Matheus. Muito além da restauração. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 17 out 2013b. [ZH Moinhos].

BECK, Matheus. Por água abaixo. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 28 fev 2013a. [ZH Moinhos].

BECK, Matheus. Revitalização urbana. **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 out 2013c.

BECK, Matheus. Urbanismo: por uma Porto Alegre projetada. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 37, 12 abr. 2014b.

BRAESCHER, Ricardo. **Fotografia**. [Figura 6] Disponível em: <<https://vilaflores.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 17 jun. 2015. [recurso eletrônico]

BRECHÓ do Floresta integra a comunidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 8 nov. 2012. [ZH Moinhos].

BRIGATTI, Gustavo. É tudo grátis. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 6, 23 maio 2015.

CAMINHADA na Capital. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 41, 13 jul. 2012.

CANCLINI, Néstor García. **Imaginários culturais da cidade**: conhecimento / espetáculo / desconhecimento. In: COELHO, Teixeira (org.). A cultura pela cidade. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CASARIO pode virar centro de cultura. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 27 jul. 2012. [ZH Moinhos].

CHAVES, Ricardo. Beco do Rosário. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 44, 28 jan. 2015.

CHAVES, Ricardo. Do prado às fábricas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 38, 08 jan. 2013.

CHRISTINI, Úrsula Dutra. Vizinha com talento para colorir o bairro. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 7, 15 nov. 2012. [ZH Moinhos].

CHUVA alaga ruas e invade casas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 16, 25 fev. 2015.

COSTA, Gustavo Sbardelotto da. **Reconexão de espaços degradados à cidade por meio da reconversão de uso de vazios industriais: o caso do IV distrito de Porto Alegre**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DISTRITO CRIATIVO DE PORTO ALEGRE - DISTRITO C. **Ecossistema do Distrito Criativo**. [Figura 5] Disponível em: <<https://distritocriativo.wordpress.com/>>. Acesso em: 17 jun. 2015. [recurso eletrônico]

DISTRITO CRIATIVO DE PORTO ALEGRE – DISTRITO C. **Site**. Disponível em: <<https://distritocriativo.wordpress.com/>> Acesso em: 06 jun. 2015.

EXECUÇÃO na rua. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 41, 27 jul. 2012.

FARINA, Erick. Excesso de leitos: novos hotéis derrubam ocupação. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.12, 08 abr. 2013.

FELIN, Bruno. Em busca de um Norte. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 25-29, 16 nov. 2014.

FERRARA, Lucrécia d'Aléssio. **Ver a Cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.

FISHER, Milena. 90.000. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 2, 06 jul. 2013. [Segundo Caderno].

FISHER, Milena. Traçando a cidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 2, 24 ago. 2012. [Segundo Caderno].

FLORES, Paulo Cesar. **Prefeitura apresenta Plano Municipal de Economia Criativa**. 2014. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/default.php?p_noticia=174713&PREFEITURA+APRESENTA+PLANO+MUNICIPAL+DE+ECONOMIA+CRIATIVA>. Acesso em: 19 maio 2015.

FORTES, Alexandre. **Nós do 4º distrito...: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas**. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

GAROTO apreendido: drogas são vendidas a cem metros do Ciosp. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 41, 28 ago. 2012.

GRUPO RBS - RBS. **Zero Hora**: Comercial Grupo RBS. Disponível em: <<http://comercial.gruporbs.com.br/>> Acesso em: 06 jun. 2015b. [Recurso eletrônico]

GRUPO RBS - RBS. **Zero Hora**: Mídia Kit abril 2015. Disponível em: <<http://www.feedcomercial.com.br/Arquivos/b9a78f363a229de77d60fa3a4999fb03.pdf>> Acesso em: 06 jun. 2015a. [Recurso eletrônico]

GUARDIOLA, Simone. Caminhada coloca arte nas ruas da Capital. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 19 dez. 2013. [ZH Moinhos].

HAMMES, Maria Isabel. Hilton na Nilo Peçanha. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 26, 03 maio 2013a.

HAMMES, Maria Isabel. Porto Alegre revitalizada e criativa. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 16, 07 set. 2013b.

INCLUÍDO no PAC: Palacinho será renovado. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 39, 16 fev. 2013.

INDEPENDENCIA e Floresta incluídos em PAC. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 07 fev. 2013. [ZH Moinhos].

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL - IHGRS. **Planta da cidade 1932**. [Figura 2]. Disponível em: <http://www.ihgrgs.org.br/FatosEntrev/Revolucao_30/Pag_03.htm>. Acesso em: 17 jun. 2015. [recurso eletrônico]

JACKS, Nilda; SILVA, Armando (Ed.). **Porto Alegre imaginada**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012.

KOLESNY, Lu. Passeio guiado pelo Floresta. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 4, 13 set. 2013. [ZH Moinhos].

LATROCÍNIO no Bairro Floresta: câmeras ajudarão a identificar matador de guardador de carros. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 14, 14 jul. 2014.

LEITE, Carlos. **Cidades sustentáveis, cidades inteligentes**: desenvolvimento sustentável num planeta urbano. Porto Alegre: Bookman, 2012.

LERINA, Roger. Galeria Caminhante. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 8, 21 mar. 2014. [Segundo Caderno].

LERINA, Roger. Poesia na janela. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 nov. 2013. [Segundo Caderno].

MAGS, André. (Ed.). Faltará água. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 32, 02 nov. 2012b.

MAGS, André. (Ed.). Inconveniente: capital terá falta de água nesta semana. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 29, 30 jul. 2012a.

MAGS, André. (Ed.). Árvores preservadas: aprovada proteção a 72 túneis verdes na Capital. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 54, 31 maio 2012e.

MAGS, André. (Ed.). Bairro valorizado: revitalização no Floresta. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 46, 12 abr. 2013.

MAGS, André. Rua Santo Antônio será ampliada 104 metros. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 30, 16 jan. 2012c.

MAGS, André. Vida sem teto: o mapa de quem mora na rua. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 26, 11 abr. 2012d.

MATTAR, Leila Nesralla. **A modernidade em Porto Alegre**: arquitetura e espaços urbanos plurifuncionais em área do 4º distrito. 2010. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MEDEIROS, Luísa. Em reforma: casario pode virar centro de cultura em Porto Alegre. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 44, 27 jul. 2012b.

MEDEIROS, Luísa. Praça Atos Damasceno ganha reformulação. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 18 out. 2012a. [ZH Moinhos].

OLHO eletrônico: Capital ganha dois novos controladores de velocidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 33, 16 abr. 2012.

OS bairros mais caros de Porto Alegre. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 2, 14 set. 2014. [Mercado Imóveis]

PANDOLFI, Fernanda. Rede Social. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 2, 17 mar. 2014. [Segundo Caderno]

PANELAÇOS marcam programa do PT na TV. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 12, 06 maio 2015.

PATRIMÔNIO ambiental: a bela Rua Paraíba. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 10, 21 jun. 2012. [ZH Moinhos].

PERIGO nas ruas: vegetal incendiado em dia de vento alerta para os riscos de galhos encostados em fios de luz. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 01 nov. 2012. [ZH Moinhos].

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cidade maldita. In: SOUZA, Celia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

PIFFERO, Luisa. Floresta das Artes. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 07 jun. 2014. [Segundo Caderno].

PLANOS para 2014. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 4, 09 jan. 2014. [ZH Moinhos].

POA no mapa da economia criativa. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 30, 17 abr. 2015.

PORTO ALEGRE – PMPA. Secretaria do Planejamento Municipal. **4º distrito: Secretaria do Planejamento Municipal, Programa Porto do Futuro**. Disponível em: <http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/projetos_estrategicos_parte_1.pdf> Acessado em: 16 jun. 2015. [recurso eletrônico]

PORTO ALEGRE – PMPA. Secretaria do Planejamento Municipal. **Bairros vigentes**. [Figura 1]. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/bairros_vigentes_ultima_versao_2011.pdf> Acesso em: 17 jun. 2015. [recurso eletrônico]

PORTO ALEGRE – PMPA. Secretaria do Planejamento Municipal. **Imagem**. [Figura 4] Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/projetos_estrategicos_parte_1.pdf> Acesso em: 17 jun. 2015. [recurso eletrônico]

PORTO ALEGRE – PMPA. Secretaria do Planejamento Municipal. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Porto Alegre (PDDUA)**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/planodiretortexto.pdf>. Acesso em: 19 maio 2015.

PORTO ALEGRE - PMPA. Secretaria Municipal de Obras e Viação. **Plano diretor de Porto Alegre (1954-1964)**. Porto Alegre: PMPA, 1964.

PORTO Alegre: cidade em festa. Para curtir Porto Alegre. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 28, 23 mar. 2015.

PROMESSA renovada: Shopping Floresta deve virar realidade este ano, com abertura do hotel que funcionará no local. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 30, 16 fev. 2012. [ZH Moinhos].

RESTAURANTE: Tostadas com cobertura. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 11, 04 jan. 2013. [Gastrô].

ROSA, Eduardo. Para valorizar o Floresta. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 11 abr. 2013. [ZH Moinhos].

SANTO Antônio na reta final. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 22 nov. 2012. [ZH Moinhos].

SCIREA, Bruna. Patrimônio em ruínas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 24, 21 abr. 2015.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOM, comida e cinema no Vila Flores. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 6, 07 nov. 2013. [ZH Moinhos].

TIEZE, Thiago. Cidade renovada: Porto Alegre age contra o abandono imobiliário. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 44, 11 abr. 2013.

TIEZE, Thiago. Para revigorar o Floresta. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 22 maio 2014. [ZH Moinhos].

TITTON, Cláudia Pauperio. **Reestruturação produtiva e reestruturação urbana: o caso do IV distrito de Porto Alegre**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

TÚNEL Verde preservado. **Zero Hora**, Porto Alegre, [capa], 24 maio 2012. [ZH Moinhos].

TURISMO e negócios: maior hotel da Capital está de portas abertas. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 6, 15 nov. 2012. [ZH Moinhos].

UM boteco abençoado no Floresta. **Zero Hora**, Porto Alegre, [contracapa], 26 abr. 2012. [ZH Moinhos].

URBSNOVA. **Afinal, o que é o Distrito C?** Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://urbsnova.wordpress.com/2015/01/11/afinal-o-que-e-o-distrito-c/>>. Acesso em: 19 maio 2015.

VARGAS, Bruna. Passado Florido. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 6, 26 set. 2013. [ZH Moinhos].

VILA FLORES. **Imagem**. [Figura 7] Disponível em: <<https://vilaflores.wordpress.com/english/>>. Acesso em: 17 jun. 2015. [Goma Oficina] [recurso eletrônico]

VILA FLORES. **Site**. Disponível em: <<https://vilaflores.wordpress.com>> Acessado em: 16 jun. 2015.

VISITA guiada no Floresta. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 7, 05 maio 2014. [ZH Moinhos].

VIVENDO à margem: mais moradores de rua em Porto Alegre. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 41, 10 abr. 2012.

WALLIG, Antonia. Uma declaração de amor pelo Vila Flores. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.10, 19 dez. 2013. [ZH Moinhos].

ANEXOS

Anexo A – Tabela com as ocorrências filtradas na pesquisa documental

	DATA	CADERNO	TÍTULO
1	16/01/2012	Região Metropolitana	Rua Santo Antônio será ampliada 104 metros
2	24/01/2012	Região Metropolitana	Abastecimento de água interrompido
3	26/01/2012	ZH Moinhos	Rua Santo Antônio será ampliada
4	16/02/2012	ZH Moinhos	Promessa renovada: Shopping Floresta deve virar realidade este ano, com abertura do hotel que funcionará no local
5	17/02/2012	Geral	Hoje no Porto Seco: manual para julgar os desfiles
6	29/02/2012	Região Metropolitana	Mapa modificado: Capital prevê novos bairros
7	29/02/2012	Economia	Haverá vagas: Capital tem novo ciclo de investimento em hotéis
8	01/03/2012	ZH Moinhos	Pedalando pelo bairro: como é andar de bike pela região
9	07/03/2012	Região Metropolitana	Novos mapas: veja as sugestões para o Moinhos e o Floresta
10	08/03/2012	ZH Moinhos	Santo Antônio mais longa poderá ficar pronta até junho
11	14/03/2012	Região Metropolitana	Novo Semáforo: Mudança em cruzamento no Floresta
12	15/03/2012	ZH Moinhos	Projeto voluntário: educação, uma janela para o mundo
13	29/03/2012	ZH Moinhos	De olho nas construções: meu vizinho é uma obra
14	10/04/2012	Geral	Vivendo à margem: mais moradores de rua em Porto Alegre
15	11/04/2012	Geral	Vida sem teto: mapa de quem mora na rua
16	16/04/2012	Região Metropolitana	Olho eletrônico: Capital ganha dois novos controladores de velocidade
17	18/04/2012	Região Metropolitana	Lixo da Capital: DMLU arma expansão de contêineres
18	26/04/2012	ZH Moinhos	Um boteco abençoado no Floresta
19	26/04/2012	ZH Moinhos	Pedalando pelo Bairro
20	03/05/2012	ZH Moinhos	Área de lazer: áreas adotadas e preservadas
21	24/05/2012	ZH Moinhos	Túnel verde preservado
22	31/05/2012	Região Metropolitana	Árvores Preservadas: aprovada proteção a 72 túneis verdes na Capital
23	01/06/2012	Esportes	A bola da discórdia
24	03/06/2012	Donna	Graciosa forma de malhar
25	05/06/2012	Almanaque Gaúcho	Serviço: interrupção no abastecimento de água no Floresta
26	17/06/2012	Dinheiro	O sonho de sílicio das startups gaúchas
27	20/06/2012	Polícia	Debate no congresso: projeto barra investigações do MP
28	21/06/2012	ZH Moinhos	Patrimônio Ambiental: a bela Rua Paraíba
29	23/06/2012	Segundo Caderno	Maratona HQ em Porto Alegre
30	28/06/2012	ZH Moinhos	Coletivos verdes: ação para recuperar praças

	DATA	CADERNO	TÍTULO
31	05/07/2012	ZH Moinhos	A revitalização do bairro Floresta: hoje tem reunião dos moradores do Floresta
32	13/07/2012	Geral	Caminhada na Capital
33	26/07/2012	ZH Moinhos	Casario pode virar centro de cultura
34	27/07/2012	Região Metropolitana	Em reforma: casario pode virar centro de cultura em Porto Alegre
35	27/07/2012	Polícia	Execução na rua
36	30/07/2012	Região Metropolitana	Inconveniente: Capital terá falta de água nesta semana
37	27/08/2012	Segundo Caderno	Traçando a cidade
38	27/08/2012	Polícia	Relações abaladas: mais um round na briga pelo direito de investigar
39	28/08/2012	Geral	Garoto apreendido: drogas são vendidas a cem metros do Ciosp
40	06/09/2012	Polícia	Reviravolta no tribunal: anulado processo do Caso Becker
41	08/09/2012	Região Metropolitana	Bairro Floresta terá Brechó hoje
42	12/09/2012	Região Metropolitana	Obstáculos no caminho: quando a calçada é um problema para o pedestre
43	13/09/2012	ZH Moinhos	Cuidado onde pisa: falhas no calçamento causam acidentes transtornos a pedestres
44	17/09/2012	Região Metropolitana	Passeios revitalizados: calçadas verdes para Porto Alegre
45	04/10/2012	ZH Moinhos	Oficina no São Pedro: alunos conversam com jornalistas
46	18/10/2012	ZH Moinhos	Praça Atoz Damasceno ganha reformulação
47	18/10/2012	ZH Moinhos	Domingo é dia de Criança na Avenida
48	25/10/2012	Polícia	Parada inusitada: ônibus muda rota e deixa ladras em DP
49	01/11/2012	ZH Moinhos	Perigo nas ruas: vegetal incendiado em dia de vento alerta para os riscos de galhos encostados em fios de luz
50	01/11/2012	ZH Moinhos	A região da longevidade
51	02/11/2012	Região Metropolitana	Faltará água
52	08/11/2012	ZH Moinhos	Brechó do Floresta integra a comunidade
53	08/11/2012	ZH Moinhos	Uma vida em reclusão no bairro Floresta
54	15/11/2012	ZH Moinhos	Turismo e negócios: maior hotel da Capital está de portas abertas
55	15/11/2012	ZH Moinhos	Vizinha com talento para colorir o bairro
56	22/11/2012	ZH Moinhos	Santo Antônio na reta final
57	24/11/2012	Região Metropolitana	Bicicletários em profusão: um novo jeito de "apear" na Capital
58	15/12/2012	Geral	Passeio noturno: ônibus da Linha Turismo entra no clima natalino

	DATA	CADERNO	TÍTULO
59	17/12/2012	Região Metropolitana	Festa e prêmios: revelados vencedores do Brilha Porto Alegre
60	20/12/2012	ZH Moinhos	Concurso cultural: iluminação premiada
61	27/12/2012	ZH Moinhos	Para 2013, queremos...
62	04/01/2013	Gastrô	Restaurante: tostadas com cobertura
63	08/01/2013	Almanaque Gaúcho	Do prado às fábricas
64	10/01/2013	ZH Moinhos	Fique de olho: Voluntários bloqueada no bairro Floresta
65	07/02/2013	ZH Moinhos	Independência e Floresta incluídos em PAC
66	16/02/2013	Região Metropolitana	Incluído no PAC: Palacinho será renovado
67	28/02/2013	ZH Moinhos	DMLU tira dúvidas dos moradores no Parcão
68	28/02/2013	ZH Moinhos	Por água abaixo
69	12/03/2013	Região Metropolitana	Obra de R\$ 59 milhões: rompimento em conduto permanece sem explicação
70	12/03/2013	Região Metropolitana	Vagas públicas
71	14/03/2013	ZH Moinhos	Vem aí a trincheira da Cristóvão
72	08/04/2013	Economia	Excesso de leitos: novos hotéis derrubam ocupação
73	11/04/2013	ZH Moinhos	Para valorizar o Floresta
74	11/04/2013	Região Metropolitana	Cidade renovada: Porto Alegre age contra o abandono imobiliário
75	12/04/2013	Região Metropolitana	Bairro valorizado: revitalização no Floresta
76	01/05/2013	Informe Econômico	Sem medo de concorrência
77	03/05/2013	Informe Econômico	Hilton na Nilo Peçanha
78	16/05/2013	ZH Moinhos	Shopping Total: para comemorar os 10 anos na vizinhança
79	08/06/2013	Polícia	Fora de ação: bando roubou 150 carros de luxo em seis meses
80	13/06/2013	ZH Moinhos	Brigada Militar foca na prevenção
81	22/06/2013	Segundo Caderno	A grande festa dos quadrinhos
82	06/07/2013	Segundo Caderno	90.000
83	07/07/2013	Imóveis	Projeto atualiza pizzaria sem abrir mão do rústico
84	10/07/2013	Região Metropolitana	Área Azul: dois novos locais terão parquímetros
85	19/07/2013	Região Metropolitana	Saída de cena: escritórios em área que abrigou o Teatro da Ospa.
86	20/07/2013	Polícia	Novo capítulo: MPF denuncia oito no Caso Becker
87	21/07/2013	Geral	Mortes no Audi: destinos cruzados
88	25/07/2013	ZH Moinhos	Inscrições abertas: encontros pelo futuro do 4o Distrito
89	01/08/2013	ZH Moinhos	Artigo do leitor: uma orquestra na vizinhança
90	22/08/2013	ZH Moinhos	Ação colaborativa no bairro Floresta
91	25/08/2013	Dinheiro	O Rio Grande que dá certo: as delícias dos Kulpa
92	07/09/2013	Informe Econômico	Porto Alegre revitalizada e criativa
93	13/09/2013	ZH Moinhos	Passeio guiado pelo Floresta
94	26/09/2013	ZH Moinhos	Passado Florido
95	17/10/2013	ZH Moinhos	A pureza da resposta das crianças

	DATA	CADERNO	TÍTULO
96	17/10/2013	ZH Moinhos	Muito além da restauração
97	18/10/2013	Região Metropolitana	Revitalização urbana: muito além da restauração
98	25/10/2013	Polícia	Caso Eliseu: mais dois réus no Tribunal do Júri
99	04/11/2013	Geral	Apagão deixa 40mil sem luz na Capital
100	07/11/2013	ZH Moinhos	Som, comida e cinema no Vila Flores
101	09/11/2013	Segundo Caderno	Descontruindo Medeia
102	17/11/2013	Donna	101 lugares para conhecer em Porto Alegre
103	19/11/2013	Polícia	À espera de justiça: caso Becker longe do fim
104	23/11/2013	Segundo Caderno	Poesia na janela
105	12/12/2013	ZH Moinhos	Após conhecer rotina de jornalistas, pequenos estudantes lançam jornal
106	19/12/2013	ZH Moinhos	Uma declaração de amor pelo Vila Flores
107	19/12/2013	ZH Moinhos	Caminhada coloca arte nas ruas da Capital
108	19/12/2013	ZH Moinhos	Encontro no Floresta: degustação de cerveja no Porto Alegre Hostel Boutique
109	09/01/2014	ZH Moinhos	Planos para 2014
110	17/01/2014	Região Metropolitana	Álvaro Chaves: inspeção de sete dias no conduto
111	20/01/2014	Polícia	Ação policial: morte de cães é investigada
112	26/01/2014	Gente & Negócios	R. Correa completa 35 anos
113	06/02/2014	ZH Moinhos	Criatividade e Cidadania
114	22/02/2014	Vida	Barulhinho bom de Carnaval
115	26/02/2014	Almanaque Gaúcho	Exposição
116	04/03/2014	Almanaque Gaúcho	Exposição
117	13/03/2014	ZH Moinhos	Roteiro
118	17/03/2014	Segundo Caderno	Rede Social
119	20/03/2014	ZH Moinhos	Arte Itinerante: Walking Gallery passeia pelo Distrito Criativo
120	21/03/2014	Segundo Caderno	Galeria Caminhante
121	27/03/2014	ZH Moinhos	Roteiro: exposição
122	03/04/2014	ZH Moinhos	Sintonizado com a vida
123	10/04/2014	ZH Moinhos	Estudantes vão projetar o 4º Distrito ideal
124	12/04/2014	Região Metropolitana	Urbanismo: por uma Porto Alegre projetada
125	22/04/2014	Viagem	Fotografando Porto Alegre
126	04/05/2014	PrOA	A ditadura da prensa
127	22/05/2014	ZH Moinhos	Para revigorar o Floresta
128	05/06/2014	ZH Moinhos	Visita guiada no Floresta
129	05/06/2014	ZH Moinhos	Vai ficar para 2015
130	07/06/2014	Segundo Caderno	Floresta das Artes
131	08/06/2014	Donna	Novidade: assinatura Vintage
132	12/06/2014	ZH Moinhos	Árvores são identificadas na rua Gonçalo de Carvalho
133	10/07/2014	ZH Moinhos	Podas radicais intrigam moradores
134	10/07/2014	ZH Moinhos	Área do morro Ricaldone ainda sofre com o trânsito
135	14/07/2014	Notícias	Latrocínio no Bairro Floresta: câmeras ajudarão a identificar matador de guardador de carros
136	17/07/2014	ZH Moinhos	Solidariedade: paróquia ainda recebe doações

	DATA	CADERNO	TÍTULO
137	14/09/2014	Mercado Imóveis	Os bairros mais caros de Porto Alegre
138	16/09/2014	Notícias	Descompasso gera rombo de R\$20bi
139	16/11/2014	Sua vida	Em busca de um Norte
140	04/01/2015	Primeiro Caderno	Serviço: oficina comunitária de tango
141	18/01/2015	Donna	Falar de Flores
142	28/01/2015	Almanaque Gaúcho	Beco do Rosário
143	31/01/2015	Segundo Caderno	Guia para sair: exposição
144	01/02/2015	Segundo Caderno	Guia para sair: exposição
145	08/02/2015	Donna	Perfil: arte em joia
146	22/02/2015	Pense Imóveis	Alta oferta de imóveis comerciais e residenciais para locação
147	25/02/2015	Notícias	Chuva alaga ruas e invade casas
148	26/02/2015	Notícias	Caso Eliseu Santos: cinco anos depois, ninguém foi julgado
149	26/02/2015	Informe Especial	Crise, que crise?
150	07/03/2015	Segundo Caderno	Anúncio: oficina de construção e manipulação de bonecos
151	14/03/2015	Segundo Caderno	Anúncio: oficina de construção e manipulação de bonecos
152	23/03/2015	Sua Vida	Porto Alegre: cidade em festa. Para curtir em Porto
153	30/03/2015	Sua Vida	Consumo: é melhor no super ou na feira?
154	01/04/2015	Segundo Caderno	Rede Social: mundo cor-de-rosa
155	01/04/2015	Notícias	Caso Eliseu: viúva de ex-secretário cobra indenização de R\$ 2 milhões
156	02/04/2015	Sua Vida	Parquímetros voltam a funcionar na quarta
157	04/04/2015	Segundo Caderno	Anúncio: oficina de construção e manipulação de bonecos
158	14/04/2015	Sua Vida	Dengue: alerta contra doença na Capital
159	17/04/2015	Sua Vida	POA no mapa da economia criativa
160	17/04/2015	Sua Vida	Dengue cresce 240% em relação a 2014
161	21/04/2015	Sua vida	Patrimônio em Ruínas
162	06/05/2015	Casa e Cia	Convite para mães
163	06/05/2015	Notícias	Painéis marcam programa do PT na TV
164	09/05/2015	Segundo Caderno	Guia para Sair: teatro
165	23/05/2015	Segundo Caderno	É tudo grátis